Um caso de obsessão espiritual: O Espírito e o jurado

O artigo seguinte foi publicado na **Revista Espírita de novembro de 1858**, e trata de um caso de obsessão espiritual, onde um rapaz foi obsediado por um Espírito – por culpa dele mesmo – a ponto de ser levado a matar uma senhora:

"Um dos nossos correspondentes, homem de grande saber e portador de títulos científicos oficiais, o que não o impede de cometer a fraqueza de acreditar que temos uma alma e que essa alma sobrevive ao corpo, que depois da morte fica errante no espaço e ainda pode comunicar-se com os vivos, tanto mais quanto ele próprio é um bom médium e mantém conversas com os seres de além-túmulo, dirige-nos a seguinte carta:

"Senhor,

"Talvez julgueis acertado agasalhar na vossa interessante revista o fato seguinte:

"Há algum tempo eu era jurado. O tribunal devia julgar um moço, apenas saído da adolescência, acusado de ter assassinado uma senhora idosa em circunstâncias horríveis. O acusado confessava e contava os detalhes do crime com uma impassibilidade e um cinismo que faziam fremir a assembleia.

"Entretanto é fácil prever, em virtude da sua idade, da sua absoluta falta de educação e dados os estímulos recebidos em família, que fossem apresentadas em seu favor circunstâncias atenuantes, tanto mais que ele fora levado pela cólera, agindo contra uma provocação por injúrias.

"Eu quis consultar a vítima a respeito do grau de sua culpabilidade. Chamei-a, durante uma sessão, por uma evocação mental. Ela me fez saber que estava presente e eu pus minha mão às suas ordens. Eis a conversação que tivemos – eu, mentalmente, ela pela escrita:

"– O que a senhora pensa de seu assassino?

"– Não serei eu quem o acusará.

"– Por quê?

“– Porque ele foi levado ao crime por um homem que me fez a corte há cinquenta anos e que, nada tendo conseguido de mim, jurou vingar-se. Conservou, após a sua morte, o desejo de vingança e aproveitou as disposições do acusado para lhe inspirar o desejo de matar-me.

“– Como sabe disso?

“– Porque ele mesmo me disse, quando cheguei a este mundo que hoje habito.

“– Compreendo sua reserva diante dos estímulos que o seu assassino não repeliu como deveria e poderia. Mas a senhora não pensa que a inspiração criminosa, à qual ele voluntariamente obedeceu, não teria sobre ele o mesmo poder, se não houvesse nutrido ou entretido, durante muito tempo, sentimentos de inveja, de ódio e de vingança contra a senhora e a sua família?

“– Com certeza. Sem isso ele teria sido mais capaz de resistir. Eis por que digo que aquele que quis vingar-se aproveitou as disposições desse moço. O senhor compreende que ele não se teria dirigido a alguém que se dispusesse a resistir.

“– Ele goza com a sua vingança?

“– Não, pois vê que isso lhe custará caro. Além disso, em lugar de me fazer mal, ele me prestou um serviço, fazendo-me entrar mais cedo no mundo dos Espíritos, onde sou mais feliz. Foi, pois, uma ação má sem proveito para ele.
“Circunstâncias atenuantes foram admitidas pelo júri, baseadas nos motivos acima indicados, e a pena de morte foi descartada.

“A respeito do que acabo de contar, deve fazer-se uma observação moral de grande importância. É necessário concluir, com efeito, que o homem deve vigiar os seus menores pensamentos malévolos e até mesmo os seus maus sentimentos, por mais fugidios que pareçam, pois eles podem atrair para si Espíritos maus e corrompidos, e expô-lo, fraco e desarmado, às suas inspirações culposas. É uma porta que ele abre ao mal, sem compreender o perigo. Foi, pois, com um profundo conhecimento do homem e do mundo espiritual que Jesus Cristo disse: ‘Todo aquele que olhar para uma mulher para cobiçá-la, já em seu coração adulterou com ela.” (Mat. 5:28).

“Tenho a honra, etc. SIMON M…”

Walewska: reflexões sob a ótica do Espiritismo

Uma das maiores atletas brasileiras, Walewska Oliveira (e não Valeska, Valesca, Walesca, Waleska, etc.) faleceu na noite do dia 21/09/23, em São Paulo. O motivo da morte foi uma queda fatal — provável suicídio — do 17º andar do prédio em que morava com seu marido, Ricardo Alexandre Mendes. O boletim de ocorrência policial registrou o incidente como queda, e também registrou a existência de um papel onde, possivelmente, teria ela registrado uma **carta de despedida**. Nas câmeras do edifício, ficaram registrados os momentos em que a atleta se encaminha a essa área, portando uma garrafa de vinho e uma pasta. Ainda não se conhecem os detalhes do caso, mas o assunto, justamente neste mês, marcado pela campanha **Setembro Amarelo**, destinada à prevenção do suicídio (omitimos a palavra para evitar problemas com os mecanismos de buscas) suscita uma reflexão sob a ótica do Espiritismo, naquilo que em verdade ela diz.

Antes de mais nada, devo dizer que acho lamentável qualquer opinião que busque julgar atitudes como essa (supondo que isso tenha acontecido) classificando-as como egoístas, “falta de Deus”, covardia, etc.

Desejamos aos familiares, aos amigos e ao marido de Walewska muita força para passarem por algo tão difícil e que, se forem buscar respostas, possam encontrá-las nos lugares corretos. Além disso, desejamos que nenhum suposto espírita venha, inadvertidamente, trazer supostas comunicações, cartas psicografadas, expondo-as ao público sem raciocinar sobre elas. Sentimos, que, se o que supomos, foi o que aconteceu, não tenha tido ela a oportunidade de conhecer uma filosofia que dá a certeza do futuro e a capacidade de enfrentar as dores da vida sob outro olhar.

Doutrina Espírita e Movimento Espírita

Não custa lembrar que a Doutrina Espírita, como ela realmente é, é uma ciência,

formada por estudos metodológicos e sérios, coordenados por Allan Kardec, analisando comunicações, evocações e fenômenos por toda a parte do mundo. Sua principal característica, como ciência, é que qualquer princípio doutrinário deverá nascer do método científico, coisa que foi abandonada a partir do final do século XIX.

Em contrário às evocações e comunicações espontâneas, naquele tempo submetidas ao duplo critério da concordância e da razão, hoje o Movimento Espírita em geral acredita cegamente em praticamente dizem médiuns e Espíritos, esquecendo-se ou desconhecendo que são apenas opiniões que deveriam passar pelo critério citado. Outras vezes, generalizam situações individuais, justamente pela falta de conhecimento. Criam-se, assim, as diversas narrativas que, se não são apenas absurdas, por vezes ofendem o raciocínio e mesmo desrespeitam indivíduos em suas diversas condições.

O Vale dos Suicidas

Podemos citar, dentre elas, e no aspecto aqui tratado, a ideia de que todo suicida irá para o "Vale dos Suicidas", onde, segundo essa ideia, ficará sofrendo até que aceite o "resgate" de um Espírito que, muitos dizem, seria a própria Virgem Maria. Outros dizem que aquele que pratica esse ato renascerá em corpos mutilados pela culpa, onde deverão resgatar o crime realizado. Não passam, respectivamente, das falsas ideias oriundas de religiões que ensinam a queda pelo pecado.

Me pergunto: será que as pessoas que assim dizem tais coisas não se colocam no lugar de quem as ouve? Não raciocinam? Como se sentiria uma mãe, cujo filho nasceu com certas características físicas, ao ouvir a ideia de que a razão daquilo se deveria ao fato de ele ter cometido crimes, senão contra outros, contra si e contra Deus? Muitas não se ofenderiam? Outras tantas poderiam passar a vê-los com estigmas, talvez? Pior: o que pensariam as próprias pessoas que nasceram com tais características? O fato é que muitos abandonam o Espiritismo por culpa do Movimento Espírita que, em plena era da informação, é renitente em reconhecer a necessidade de voltar a Kardec, não por fundamentalismo, mas por buscar fundamentos científicos.

Já chegamos a ouvir afirmarem, dentro de um Centro Espírita, pela boca de

pessoas envolvidas nos trabalhos da instituição, e até mesmo de palestrantes, que o motivo de a pessoa ter nascido cega seria porque ela usou sua visão, na vida passada, para o mau. Quantos absurdos, quantos disparates, que somente fazem esvaziar os bancos do Movimento Espírita, **transformado em religião**.

O Espiritismo de verdade

Mas, graças aos estudos metodológicos de Kardec, nós podemos demonstrar facilmente a falsidade na generalização dessas ideias. Bastaria, a todo adepto espírita, ler o primeiro ano da Revista Espírita (1858), para verificar que as situações dos Espíritos de pessoas que cometeram esses atos não são únicas, justamente porque não podemos traçar um "código penal da vida futura", ideia introduzida na adulteração de O Céu e o Inferno, em sua quarta edição, lançada após a morte de Kardec, sobre a qual todas as edições conhecidas até há pouco tempo foram baseadas (refira-se à edição da Editora FEAL para ter acesso ao conteúdo original e intocado).

Constatariam, com esse estudo, que o futuro do Espírito depende de sua psicologia, de seu conhecimento, de suas ideias. Que o ato extremo, muitas vezes é tomado em estado de desvario, de loucura, de irreflexão, de incapacidade de lidar com emoções não vigiadas. O artigo "Suicídio por amor", de Revista de setembro de 1858, demonstra isso. Já o artigo "O suicida da Samaritana", de junho do mesmo ano, demonstra outro caso, onde o Espírito, em um estado profundo de perturbação, acredita, por um estado de sofrimento moral, estar ligado ainda ao seu corpo.

Fatos

Um fato é inegável: o remorso e o arrependimento serão estados que todos os Espíritos encontrarão, depois, quando perceberem que tomaram tal atitude por uma incapacidade de lidar com a dor, com as emoções (naquela época conhecidas como paixões), com os arrependimentos, com os desgostos, etc. Infelizmente, tudo gerado por uma incapacidade de ver a vida sob outro ângulo, ângulo esse muito amplo, lógico, claro, que o Espiritismo dá, em sua originalidade. Não tenta impor o medo do castigo, mas demonstra os fatos, as consequências e dá ao indivíduo o vislumbre do futuro, onde apegos desviam para o mal e para o sofrimento, mas que o caminho de retorno ao bem estará sempre aberto, a partir

do momento em que este compreender os motivos do seu sofrimento e, por vontade e esforços próprios, decidir enfrentar as raízes dos seus erros.

Veja: no caso apresentado na Revista de setembro de 1858, o rapaz apenas praticou um ato impensado. Ele afirma que nem pensava naquilo, mas que foi tomado de uma "vertigem", isto é, uma emoção tão forte, com a qual não soube lidar. Em Espírito, compreendeu a tolice (motivo pelo qual todos, sem exceção, ficarão algum tempo com a cena fatídica repetindo-se em suas mentes) e compreendeu a necessidade de corrigir-se no futuro, para não mais cometer esse tipo de problema. Quem sabe, de acordo com sua capacidade de compreensão, escolherá uma vida que lhe dará, desde cedo, a fibra para lidar com essas emoções?

Resta dizer que as cenas que alguns Espíritos sofredores transmitem nas comunicações, como vales tenebrosos ou mesmo a ideia do "Umbral", nascem de suas próprias mentes. Quiçá, possam materializá-las em escala, em uma espécie de sofrimento sintonizado, mas que não são por isso menos passageiras e que, definitivamente, não representam a condição genérica do Espírito sofredor após a morte (leia a Revista Espírita e verá).

A obsessão

Temos mais um aspecto a abordar: a questão da obsessão. A ciência dos Espíritos, tratada seriamente, foi enfática em demonstrar que os indivíduos, por vezes, cometem tais atos em estado de loucura, fora de si. Muitas vezes, mas nem sempre, esse estado tem a influência determinante de um Espírito obsessor.

Um artigo que demonstra isso é "O Espírito e o jurado", de novembro de 1859. Nele, fica evidente que o papel de um Espírito obsessor, **quando encontra caminhos nas próprias ideias do indivíduo**, pode influenciá-lo lentamente. Este, aceitando essa influência, que lhe agrada, mesmo sem saber que o faz, vai lentamente se deixando sintonizar com o Espírito obsessor, como uma marionete cujos fios, lentamente, fossem sendo ligados às mãos de seu mestre. Em certo ponto, o indivíduo passa a responder cegamente, chegando ao estado de possessão, conforme abordado por Kardec em A Gênese (refira-se à edição da editora FEAL).

Daí, nasce uma espécie de culpa compartilhada, da qual cada um será seu próprio

juiz. Aquele que se deixou influenciar, quando compreender, buscará criar a força para não mais se permitir a isso. O que influenciou, um dia, entenderá o mal que faz a si próprio, desviando-se do bem, e buscará condições de reparação de seu desvio.

Palavras finais

Há muito a recuperar no que tange aos princípios científicos do Espiritismo. Disso depende sua retomada, sua restauração, livre de dogmas e falsas ideias **diariamente** divulgadas e ensinadas nos centros espíritas, nas tribunas e, agora, na Internet, onde encontram uma lastimável facilidade de propagação. Precisamos utilizar essa facilidade em favor do bem e da restauração das ideias verdadeiras, não atacando os outros, como muitos ainda perdem o tempo fazendo, mas recuperando a verdade e as divulgando, em verdadeiro trabalho de formiguinha, onde cada um precisa carregar os seus grãos. Tome sua iniciativa. Esqueça, de momento, os romances. Estude o Espiritismo onde ele realmente existe como doutrina científica.

Mediunidade: Espiritismo, a Umbanda e as demais religiões

Há pouco tempo, demonstrei, em artigo e em vídeo, que o motivo do nascimento da Umbanda se deu por conta de uma atitude absurda de um centro espírita que proibiu que se comunicassem Espíritos como os dos "pretos-velhos", reconhecidos, na Umbanda, como uma de suas entidades. Pensavam, erradamente, que a mediunidade pertence ao Espiritismo. Triste realidade de uma doutrina distorcida, formada pela cooperação de grupos e indivíduos oriundos até mesmo do catolicismo e do protestantismo, que a estudavam, a despeito de suas religiões.



Hoje, o Movimento Espírita, que acusa outras religiões de “misticismo”, também adota várias ideias místicas, em detrimento do conhecimento doutrinário existente.

Acontece que esse desentendimento se deu, de ambas as partes, pelo desconhecimento do que realmente seja o Espiritismo, que, naquela época, já se encontrava deturpado em solo brasileiro. Do lado dos espíritas, que quiseram ditar a verdade baseados em falsos conceitos, se houvessem conhecido o conteúdo da **Revista Espírita**, saberiam o quanto tal atitude seria descabida, já que Kardec **demonstrou** a utilidade de se evocar todos os Espíritos, com um detalhe: não para ouvi-los e neles se acreditar sem raciocinar, mas para poder estudar suas comunicações de forma psicológica.

Antes de continuar, preciso dizer que, se você acredita que sabe o suficiente e que não precisa saber de mais nada, este artigo não é para você. Caso contrário, se você tem o interesse de conhecer os fatos e, assim, julgar por sua própria consciência, continue comigo até o final.

Quero dizer, para que fique claro, baseando-me para isso no conhecimento adquirido pelo estudo: **todos os Espíritos tem algo a ensinar**, embora não da mesma maneira, da mesma forma que podemos aprender com as palavras dos sábios, que buscamos interiorizar, e com os exemplos dos criminosos, que buscamos não repetir. É assim que, por exemplo, Kardec e outros encontravam aprendizado em desde o Espírito-guia da Sociedade Parisiense de Estudos

Espíritas, São Luís, até no estudo do Espírito do trapeiro da rua Noyers, que assustava as pessoas do local e atirava pedras nas vidraças (leia Revista Espírita 1860 » Agosto » O trapeiro da rua de Noyers).

Dissidências

Infelizmente, com a dissidência, os primeiros fundadores da religião da Umbanda não se afastaram apenas do Movimento Espírita, com seus erros, mas também da Doutrina Espírita, que foi o resultado dos esforços conjuntos e colaborativos, coordenados por Allan Kardec, no estudo metodológico e sistemático de **milhares** de evocações, comunicações espontâneas e de fenômenos espíritas diversos. A Umbanda não foi o único caso.

Mas não estou aqui para apontar dedos para ninguém. Sou da opinião de que tudo foi se enrolando pela "força das coisas", isto é, as pessoas apenas repetiam aquilo que eram ensinadas. Não é demais repetir: o Espiritismo, quando realmente ganhou força no território brasileiro, já chegou adulterado em princípios e bastante influenciado pelas ideias de Jean-Baptiste Roustaing, quem escolheu acreditar cegamente em Espíritos que alimentavam sua vaidade por declara-lo o "revelador das revelações" e quem rapidamente se voltou contra Kardec quando este buscou avisá-lo do perigo em assim proceder, ao invés de tomar o cuidado de questionar os Espíritos e sua própria razão. A própria FEB – Federação Espírita Brasileira – autoproclamada responsável pelos rumos do Espiritismo no Brasil, adotou princípios de Roustaing desde suas origens, e esse é um dos maiores motivos de as evocações terem sido abolidas neste país, influência essa que se espalha hoje sobre o mundo e que tornou o Movimento Espírita uma religião, muito afastada da ciência que em verdade é o Espiritismo.



Por conta desse afastamento do Espiritismo, substancialmente estigmatizado pelas ações, práticas e palavras dos "espíritas" brasileiros, inúmeras foram as dissidências do Movimento Espírita, ora para outras religiões, ora para a descrença. Mas, aqui, chegamos ao problema da questão: a mediunidade, para aqueles que a possuíam, quase nunca se interrompia pela saída do Movimento Espírita, que não a detém. Assim, quase sempre, passavam a viver a mediunidade da forma como sabiam e como podiam, afastados do conhecimento gerado por aquele trabalho colaborativo do qual Kardec foi o responsável, como era necessário ser naquele momento.

Estigma

Esse estigma, gerado pelo Movimento Espírita, fez com que, por muito tempo, e ainda hoje – infelizmente – pessoas de religiões como a Umbanda, que praticam a mediunidade, olhassem para Allan Kardec com preconceito e até com certa raiva, crendo, muitas vezes, que ele havia fundado uma religião onde pretendia se adonar da verdade. Nada mais falso, mas a verdade era muito difícil de ser alcançada por detrás de tantas falsas ideias que o Movimento Espírita cultivava (e ainda cultiva). Kardec nunca tomou para si a verdade. Seu papel foi de um pesquisador dedicado, que sempre buscou agir de forma impessoal, sempre pronto para modificar seus conceitos e suas hipóteses quando essas se mostravam erradas. Assim, pela observação sistemática e cuidadosa, feita em colaboração com incontáveis grupos e pessoas, foi possível estabelecer vários princípios doutrinários, que não são a verdade absoluta, mas que a razão indicam como os mais racionais e prováveis possíveis.



As entidades da Umbanda

Por detrás das nomenclaturas de raízes africanas, que muitos ainda estranham e estigmatizam, estão os Espíritos que se comunicam na religião da Umbanda. Abaixo de Olorum, os orixás da tradição iorubá são venerados como entidades superiores, e eles variam de acordo com cada ramificação da religião. Estes incluem Oxalá, Oxum, Oxóssi, Xangô, Ogum, Obaluaiê, Yemanjá, Oyá, Oxumaré, Obá, Egunitá, Yansã, Nanã e Omolu. Abaixo dos orixás, as entidades espirituais são agrupadas em linhas e falanges, abrangendo diversas categorias, como os Caboclos, que são os espíritos indígenas; os Pretos Velhos, que representam os espíritos dos antigos escravos brasileiros; os Exus, que são espíritos benevolentes e mensageiros dos orixás; as Pombas Giras, identificadas como damas da noite ou feiticeiras; e os Erês, que são espíritos infantis.

Como podemos ver, são apenas nomenclaturas, e nada mais que isso. Com Kardec se comunicavam ou eram evocados Paxás, Zuavos (que eram soldados africanos), supostos feiticeiros, etc. Quando mais esclarecidos, apresentavam-se desapegados das personalidades anteriores; quando menos, diziam se apresentar tal como eram ou como deles lembravam ou imaginavam.

É claro que não posso deixar de lembrar que a evocação com finalidade de curiosidade vazia ou brincadeira será retribuída pela presença de Espíritos de igual pensamento. As evocações sérias eram realizadas com a finalidade de desenvolver a Doutrina.

É a partir daqui que faremos a aproximação com o Espiritismo em sua realidade, sem imposições, já que, tratando-se a Umbanda de uma religião, é necessário reconhecer a liberdade de cada um acreditar naquilo que quiser, e como quiser.

A redescoberta do Espiritismo verdadeiro

O que pretendo demonstrar, enfim, é que a mediunidade praticada na Umbanda não difere da mediunidade praticada pelos espíritas, ou pelos católicos, pelos budistas, por qualquer religião, enfim, ou ainda por livres-pensadores, senão por um detalhe: crenças. E aqui, preciso ser enfático em repetir que o Espiritismo, estando, do ponto de vista espiritual, na própria Natureza, caracteriza-se assim por uma ciência natural, de forma que, para bem compreendê-lo, é necessário dedicação científica. Notem que aqui estou desvinculando o Espiritismo do Movimento Espírita: são duas coisas diferentes.

Pois bem: o mérito de Kardec e de todos aqueles que seriamente estudaram o Espiritismo em seus primeiros passos, foi o de analisar com metodologia e rigor científico os resultados das comunicações mediúnicas e dos fenômenos diversos, obtendo, como mencionei, uma teoria composta de diversos princípios doutrinários, exaustivamente verificados. Kardec, por exemplo, várias vezes questiona como o Espírito chegou ali tão rápido, não se satisfazendo com a primeira resposta. Foi possível, assim, compreender quem são os Espíritos; como se encontram após deixar o corpo material, pela morte deste, etc., o que deu origem posterior às demais obras de Kardec, incluindo "O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores", um verdadeiro tratado prático sobre a ciência da comunicação com os Espíritos. Com isso, foi possível aos médiuns e aos estudiosos da época, que eram naturalmente provenientes de diversas religiões, fora os livres-pensadores, superarem diversos erros e se tornarem cada vez mais úteis na propagação de um conhecimento que a cada dia mais convertia ao bem e à fé raciocinada criminosos, depressivos em ponto de desespero, descrentes, etc.

Se você está me acompanhando, deve entender o que estou dizendo. É como afirmar: havendo os estudos sobre a física, que explica princípios como os da inércia, seria insensato praticar *base jumping* sem calcular a inércia que poderá fazer com que o indivíduo se arrebente ao chão, tomando os cuidados necessários para que isso não aconteça. Quando falamos em mediunidade, dizemos o mesmo.

Um exemplo de erros dos espíritas modernos é aquele dado no início, quando quiseram proibir a comunicação de um Espírito que tenha se apresentado sob tal nomenclatura. Outro: já foi demonstrado que não podemos acreditar cegamente no que dizem os Espíritos, pois eles não ganham a sabedoria por deixar o corpo

físico, sendo necessário sempre raciocinar sobre o que dizem e, havendo qualquer margem para dúvida, é necessário investigar mais a fundo, inclusive pelas evocações, se necessário, caso a Doutrina já não forneça respostas suficientes para o assunto em questão.

Mais um exemplo: já foi demonstrado que **não é possível dominar os Espíritos por meio de rituais, fórmulas ou objetos**, e que os Espíritos maldosos frequentemente enrijecem ainda mais seus ataques quando se tenta fazê-lo. Isso é fruto desse estudo metodológico sobre incontáveis Espíritos. Kardec, aliás, tenta fazer um mau Espírito ir embora pela força das palavras e do nome de Deus, durante uma evocação, sem sucesso. Ainda assim, existem aqueles que escolham deliberadamente fazerem-se de surdos para esses fatos e que, não raro, terminam ampliando seus desgostos ou, às vezes, fazem descrentes, que não encontram solução para as suas perturbações, a despeito de todas as fórmulas, sinais, objetos e rituais utilizados.

Conclusão

É claro que Kardec não encerrou o Espiritismo. Muito pelo contrário: como cientista, sempre asseverou a necessidade de continuar os estudos. Contudo, para essa continuidade, são necessários todos os aspectos anteriormente destacados. Não basta ouvir opiniões isoladas dos Espíritos e tomá-las como verdade, e quem luta contra isso, no fundo, quer apenas sustentar suas próprias opiniões, vaidosamente cultivadas.

A reflexão, para terminar, é esta: nem os espíritas, nem os dissidentes, nem as demais pessoas, religiosas ou não, conhecem de fato o seja o Espiritismo atualmente, embora todos tenham condições de praticar a mediunidade. Por isso, sofrem de diversos enganos e efeitos maléficos, sendo o principal deles a obsessão e até a possessão, além da divulgação das falsas ideias que atrasam o desenvolvimento da humanidade. Muitas vezes, esses maus resultados são encontrados por pessoas de boa-fé, às quais bastaria o conhecimento. Outras vezes, são pessoas renitentes, que definitivamente não querem se abrir à possibilidade de admitir que estão erradas ou que não sabem de tudo – mas este artigo não é para elas.

Vamos, portanto, como na época de Kardec, auxiliar na recuperação desse

conhecimento. Vamos aprender o que realmente é o Espiritismo, através do estudo da Revista Espírita de 1858 a 1869; vamos praticar uma mediunidade sadia, livre das falsas ideias diversas; vamos retomar, depois, as evocações, e então cooperar entre os grupos, como Kardec apresenta na Revista Espírita, não com a mediunidade restrita aos "centros espíritas", como conhecemos hoje, mas sim com ela espalhada por pequenos grupos e grupos familiares, cada um deles um "centro". Não importa a religião de cada um, à qual cada um tem direito: Espiritismo é fato natural, sendo acessível a todos.

Por muito tempo, o Movimento Espírita e a Umbanda foram guiados pelo misticismo, embora tenham , a seu dispor, um cabedal de conhecimentos tão ricos e sérios. Seja você participante do Movimento Espírita, ou de outra religião, ou, ainda, um livre-pensador que pretende conhecer os fatos, junte-se a esse esforço de recuperação. Esse é o convite.

Sugiro, como uma ótima leitura, a obra "Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo", de Paulo Henrique de Figueiredo.

Obrigado por me acompanhar até aqui.

A história do Espiritismo e o Movimento Espírita

O Espiritismo na atualidade, ou, antes, aquilo que o Movimento Espírita conhece e transmite dele está muito longe de ser realidade, e isso é muito sério, pois é justamente por essas distorções que criaram-se as falsas ideias que repelem os indivíduos e criam brigas, não somente internas, mas também com as religiões espiritualistas.

Um caso muito conhecido é o da **Umbanda**, que foi criada por conta de um indivíduo ter sido proibido de "receber" um Espírito de um "preto velho" num centro espírita. Não somente isso: na atualidade, pessoas de quaisquer religiões que tenham algum interesse pelo Espiritismo são levadas à questão: "preciso

abandonar minha religião para ser espírita?". Isso porque "ser espírita", na modernidade, é frequentar um centro espírita que, segundo falsos conceitos, é onde "mora" o Espiritismo.

Estou aqui para demonstrar o quão erradas estão essas concepções e que, longe de uma disputa de verdades, é possível haver união e que, em verdade, foi assim que se desenvolveu o Espiritismo.

A história do Espiritismo como quase ninguém conheceu

É lógico dizer que, antes que o Espiritismo se estabelecesse como doutrina, ninguém era espírita. Como foi possível, então, formar essa ciência, de aspecto filosófico e consequências morais?

Erra quem diz ou pensa que foi Allan Kardec quem criou o Espiritismo. Não: o Espiritismo está na natureza, assim como as demais ciências. Caberia a alguém estudar, com **metodologia científica e seriedade**, os princípios dessa ciência, e foi o que Kardec fez. Ele nunca se deu o direito de tomar para si a verdade, simplesmente porque, como cientista honesto, sabia que a ciência não lida com verdades, mas sim com teorias que mais se aproximam da verdade.

Assim, Kardec dedicou-se a estudar os fenômenos e as comunicações dos Espíritos, pela principal ferramenta disponível: as evocações, através dos médiuns. E ele não fez isso sozinho: naquela época, os grupos de estudos espalhavam-se pela França e outros países próximos e, em verdade, precederam Kardec nas evocações. Quando ele se interessou pelo Espiritismo, já haviam diversas evocações registradas em papel, por ele reunidas, analisadas e organizadas, o que deu origem à primeira edição de O Livro dos Espíritos, com cerca de metade do tamanho que teria em sua segunda edição.

Rapidamente Kardec percebeu que esse esforço inicial na Doutrina necessitaria de um desenvolvimento, como toda ciência. Assim, em 1858, nasceu a Revista Espírita — Jornal de Estudos Psicológicos, periódico mensal onde ele apresentava ao público resultados dos estudos sobre as evocações e as comunicações espontâneas no âmbito da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, além de conteúdos pertinentes, enviados por outros grupos. Também utilizava a Revista

para reforçar a verdadeira face do Espiritismo, frequentemente apresentando contrapontos a opiniões e artigos carregados de desconhecimento e, por vezes, maldade.

Falamos em **metodologia científica**: bem, o Espiritismo nasceu como toda ciência: de uma observação sistemática e controlada sobre fatos verificáveis (embora não sob a nossa vontade), de onde se criaram hipóteses. Das hipóteses, se criou uma teoria, que então foi submetida a experimentos (evocações). Dos experimentos, verificaram-se os resultados e, daí, avaliava-se as hipóteses: se eram corroboradas, eram incorporadas à teoria; se não, eram reavaliadas e novas observações eram realizadas.

Inverdades

Uma das maiores inverdades que reinam sobre o Movimento Espírita atual é a de que as evocações não devem ser realizadas, o que está em oposto às características históricas do Espiritismo. Quem estuda o primeiro ano da Revista Espírita entende o quanto elas são **indispensáveis** para a ciência espírita, que, por ser uma ciência, **não deve ser tomada como um conteúdo sagrado, que deva ficar intocado**. Pelo contrário: o Espiritismo carece de desenvolvimento, mas esse desenvolvimento somente pode ser feito através da metodologia científica, que depende necessariamente da retomada das evocações. Um exemplo de uma prática ausente de método, ou tomada por falsos princípios, é a de que basta evocar um ou mais Espíritos, em um grupo isolado, e a ele perguntar (ou ouvir) sobre tudo, fazendo disso princípio doutrinário.

Outra grande inverdade é a suposição de que a mediunidade pertence à Doutrina Espírita. Tanto é, que demonstramos que o Espiritismo nasceu pelo esforço conjunto de grupos que não poderiam ser espíritas, já que a doutrina ainda não existia. Naquela época, pessoas de várias crenças e religiões praticavam a mediunidade em seus lares, em grupos pequenos, e colhiam bons ou maus resultados das evocações conforme seus empenhos em raciocinar sobre as comunicações. Kardec cita, na Revista, que os adeptos do Espiritismo contavam entre eles católicos, protestantes, muçulmanos, budistas, etc., realizando evocações e estudos e muitas vezes enviando-as à Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, onde, junto a outros colaboradores, eram avaliadas, analisadas e separadas aquelas que poderiam representar um interesse para o público geral.

Aqui, temos **mais duas inverdades** do Movimento Espírita moderno: **aquela que diz que a mediunidade somente pode ser praticada no centro espírita** e **aquela que diz que devemos ficar apenas aguardando a livre comunicação dos Espíritos**. Dessas, nasce talvez **o maior erro** dos espíritas e adeptos modernos: a aceitação cega e não raciocinada de tudo o que dizem os Espíritos.

Outra inverdade, que não podemos deixar de citar, **é a que diz que o Espiritismo seja uma religião**. Já demonstramos que ele é uma ciência e que só pode ser tomado como religião no sentido filosófico da religião natural, abordada de maneira metafísica e moral pelo Espiritualismo Racional, do qual já falaremos. Esse é o motivo de encontrar, na época de Kardec, adeptos entre as religiões, que não deixavam suas religiões, com suas particularidades, para praticar o Espiritismo. Sobre isso, fique conosco até o final, pois a compreensão é sobremaneira importante.

Infelizmente, o Movimento Espírita apagou a ciência e transformou o Espiritismo em uma religião, que passou a criar falsas ideias e dogmas que, se agradam alguns, agradam por algum tempo, mas não podem enfrentar a razão nos momentos mais críticos da vida, criando, assim, descrentes. Esqueceram que os Espíritos não se tornam sábios por deixarem o corpo material e que, dentre eles, existem bons e maus, sábios e ignorantes, etc., e que é sobretudo quando se coloca apenas à disposição, sem diálogo, que se apresenta qualquer um.

Existem inúmeras falsas ideias, que alimentam o Movimento Espírita e adeptos em geral, que não passaram pelo crivo necessário, que não foram investigadas e questionadas, ainda que fossem opostas àquilo que, com metodogia, foi transformado em princípio pela **observação psicológica** de **milhares** de Espíritos, de todos os "tipos".

Convidamos o leitor, se ainda não fez, a iniciar o estudo da Revista Espírita de 1858 e 1859 (ela vai até maio de 1869). Essa publicação, que deve ser tomada como um laboratório onde se pode acompanhar o desenvolvimento da Doutrina Espírita, através do método destacado anteriormente, e não como uma ideia final em cada artigo, demonstra o que de fato é o Espiritismo e o quanto nossa sociedade está longe dessa realidade.

Notem que dizemos **inverdades**, e não "mentiras", pois a maioria dos que as divulgam, falam do que foram ensinados. Mas de onde vieram essas inverdades?

A virada materialista do século XIX

O Espiritismo não nasceu do nada. O terreno foi muito bem preparado antes disso e, no início do século XIX, nascia o movimento conhecido como Espiritualismo Racional, que, baseados na metafísica, buscava estudar a psiquê humana pelo seu mais elementar e indissociável aspecto: a alma. Autores como Maine de Biran, Victor Cousin e Paul Janet foram seus principais expoentes.

Provavelmente você não sabe, mas o Espiritualismo Racional definiu as Ciências Morais francesas em meados desse século, fazendo parte do ensino francês e definindo sua estrutura. Deixarei informações na descrição. Mas o ER abordava esse estudo apenas pela metafísica, e não de forma prática. Como Espiritismo, que foi o seu desenvolvimento, nasce a Psicologia Experimental (e agora você sabe o porquê do subtítulo da Revista Espírita). Não entrarei em muitos detalhes, que podem ser encontrados no livro "Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo", de Paulo Henrique de Figueiredo. A questão aqui é outra.

No final do século XIX, a filosofia materialista alemã sobrepujou a filosofia espiritualista francesa que, segundo alguns governantes, teria sido a razão do fracasso da França na guerra. O Espiritualismo Racional foi varrido para baixo do tapete e o Espiritismo, que já sofria com adulterações (já falaremos sobre isso) tomou o golpe final, sendo praticamente esquecido na França, na Europa e, depois, no mundo. Novos ícones da filosofia do nada e da psicologia materialista (por mais paradoxal que seja essa ideia), como Nietzche e Freud, foram tomados como ídolos, substituindo a psicologia espiritualista racional pela perspectiva da nulidade de esforços morais e do egoísmo.

Adulterações no Espiritismo

Detalhes muito interessantes sobre os acontecimentos após a morte de Allan Kardec podem ser colhidos nos livros "O Legado de Allan Kardec", de Simoni Privato, e "Ponto Final", de Wilson Garcia. Resumindo: o fatídico e inesperado evento abalou os espíritas por toda a parte, que custaram por retomar alguma força. Junto a isso, vieram guerras e, na Sociedade Espírita, o sucessor de Kardec, Pierre Gaetan Leymarie, colocava abaixo os princípios científicos doutrinário, expulsava velhinhos, em pleno inverno, de lares criados por Kardec para espíritas pobres, queimava correspondências cuidadosamente guardadas pelo Professor e,

por interesses pessoais, admitia na Revista Espírita conteúdos oriundos da ideologia de Roustaing, já falecido, que se considerava o revelador das verdades, acreditando cegamente em um ou mais Espíritos obsessores que se comunicavam através de uma médium. Acabou-se o cuidado com a racionalidade, com a concordância geral das comunicações espíritas e, para jogar a última pá-de-cal no Espiritismo francês, Leymarie foi levado a julgamento por publicar conteúdos provenientes de um charlatão, naquilo que ficou conhecido como "Processo dos Espíritas".

Por conta de todo esse cenário, **o Espiritismo fortaleceu-se no Brasil já distorcido**. As origens da FEB, instituição, que tomou a liberdade de se proclamar dirigente geral do Espiritismo no Brasil, aliás, são completamente ligadas a essas distorções. A FEB foi fundada e guiada pelos princípios de Roustaing por longo tempo (leia Ponto Final, de Wilson Garcia). Esse é o principal motivo das distorções do Movimento Espírita brasileiro.

Somado a isso, a Revista Espírita somente veio ser traduzida na década de 1950. Aqui, formaram-se diversas falsas ideias, sendo, como demonstramos, o pressuposto de não julgar as comunicações e não evocar Espíritos para investigações as mais danosas delas.

A retomada

Quando falamos em retomar o Espiritismo, falamos em retomá-lo como ciência. Para isso, é necessário conhecimento, nascido do estudo, seriedade, vontade, propósito e colaboração. A mediunidade, que não pertence à Doutrina Espírita nem ao Movimento Espírita, pode ser praticada por todos, fora dos centros espíritas, inclusive. As evocações são necessárias e salutares, mas, aqui, precisamos **alertar sobre alguns princípios da ciência dos Espíritos**.

A Doutrina Espírita, como ciência, tem o mérito de ter produzido um conhecimento sobre a observação dos fenômenos e das comunicações dos Espíritos, espalhadas pelo mundo. Não nasceu do cérebro de Kardec, mas, sim, de milhares de evocações e de fatos, analisados de maneira científica. Repetimos muito isso, pois esse entendimento é substancial.

Já no tempo de Allan Kardec, a mediunidade era praticada por toda parte. De início, com muitos erros; depois, conforme o conhecimento foi se estabelecendo,

cada vez tomou mais seriedade e mais racionalidade, restando apenas dissidentes e renitentes que, não querendo observar os princípios científicos e levados pelo amor-próprio, insistiam em erros banais, que quase sempre os levavam a obsessões. Citamos, há pouco, Roustaing, que, preferindo acreditar cegamente nas palavras de Espíritos que lhe alimentavam o ego, prontamente se virou contra Kardec quando este buscou alertá-lo. É como Ícaro, que, alertado de que não poderia se aproximar do sol sem se queimar, alimentado de ego por suas asas, ignorou os alertas e terminou queimado.

Esse alerta geral vem em encontro à finalização deste importante chamamento: o Espiritismo precisa ser retomado, e isso depende de conhecimento e de cuidados. As evocações precisam ser retomadas. A doutrina dos Espíritos precisa voltar a ser desenvolvida pelos pequenos grupos, **cooperando entre si**. Esse era o rumo que Kardec buscava dar à ao Espiritismo, pouco antes de sua morte (leia Revista espírita — 1868 > Dezembro > Constituição transitória do Espiritismo), onde o Espiritismo passaria a ser desenvolvido pelos grupos espalhados, coordenados entre si, observando os princípios já estabelecidos pelo método. Pessoas de quaisquer religiões podem fazê-lo, pois a mediunidade não pertence ao Movimento Espírita. O centros precisam voltar a ser centros de estudos, sérios, controlados. Ao retomar as evocações, é evidente que enfrentaremos desafios diferentes; é lógico supor que muitos encontrarão dificuldades e outros tantos cairão no erro da vaidade e do personalismo, lutando para estabelecerem falsas ideias, como já acontece. Infelizmente, os encontraremos sobretudo no Movimento Espírita. Mas são desafios que serão enfrentados e, se o forem com o conhecimento doutrinário já existente, serão rapidamente superados, se é que virão a existir.

Vislumbremos um novo futuro, onde não se briga entre religiões, mas onde indivíduos e grupos cooperam com a restauração das evocações com um propósito maior: o da retomada do desenvolvimento do Espiritismo. Retomaremos o Espiritismo nos lares, como na época de Kardec, onde evocações familiares consolavam, ensinavam e, por vezes, representavam interesse doutrinário. Serão espíritas, ou seus adeptos, pessoas de quaisquer religiões, quaisquer credos, ou mesmo descrentes, que, com o firme propósito de aprender e com a plena consciência de não serem os detentores da verdade, buscarão, pelas evocações e pela colaboração, restaurar o caminho momentaneamente interrompido do Espiritismo, doutrina capaz de revolucionar ideias e, assim, transformar

indivíduos, famílias, grupos e, por fim, o mundo. A verdade não pertence a ninguém, mas as teorias que mais se aproximam dela poderão ser encontradas por aquela máxima expressa por Allan Kardec, representando o método científico no Espiritismo:

> ***Generalidade e concordância*** *no ensino, esse o caráter* ***essencial*** *da doutrina, a condição mesma da sua existência, donde resulta que* ***todo princípio que ainda não haja recebido a consagração do controle da generalidade não pode ser considerado parte integrante dessa mesma doutrina****. Será uma simples opinião isolada, da qual não pode o Espiritismo assumir a responsabilidade.*
>
> *Essa coletividade concordante da opinião dos Espíritos, passada, ao demais, pelo critério da lógica, é que constitui a força da doutrina espírita e lhe assegura a* ***perpetuidade****.*
>
> *Allan Kardec – A Gênese*

Contamos com seus comentários abaixo.

Espiritismo e Ciência: superando desafios e erros modernos

Neste artigo, exploramos os desafios enfrentados pelo Espiritismo como uma doutrina científica. Destacamos a importância do método científico preconizado por Allan Kardec, enfatizando a necessidade de análise psicológica das evocações. A falta desse rigor prejudica a credibilidade da Doutrina no contexto científico moderno.

Já sabemos o essencial; há razão em se dedicar?

Muitos de nós, e eu me coloco entre esses, em certos momentos se perguntam, sobre o Espiritismo: “parece que já entendi o essencial. Qual o sentido de continuar estudando? Ninguém mais parece querer saber sobre isso.”

Minha sugestão é que, sempre que nos encontrarmos com falta de respostas, evoquemos os bons Espíritos, pela disposição interna do próprio pensamento. A resposta, de uma forma ou de outra, não tardará a surgir.

Não me considero médium, propriamente dito, mas tenho, como todo Espírito encarnado tem, a capacidade intuitiva. Eis que hoje, sem esperar, me veio ao pensamento: Revista Espírita, agosto de 1865. Deixo a vocês essa maravilhosa reflexão do próprio Kardec:

O que ensina o Espiritismo

> *“Há criaturas que perguntam quais são as conquistas novas que devemos ao Espiritismo. Pelo fato de ele não ter dotado o mundo com uma nova indústria produtiva, como o vapor, concluem que ele nada produziu. A maior parte dos que fazem tal pergunta, não se tendo dado ao trabalho de estudá-lo, só conhecem o Espiritismo de fantasia, criado para as necessidades da crítica, e que nada tem de comum com o Espiritismo sério. Não é, pois, de admirar que perguntem qual pode ser o seu lado útil e prático. Teriam tido que buscá-lo em sua fonte, e não nas caricaturas que dele fizeram os que só têm interesse em denegri-lo.*
>
> *Numa outra ordem de ideias, alguns acham, ao contrário, a marcha do Espiritismo muito lenta para o seu gosto. Admiram-se que ele não tenha ainda sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo diariamente ensinar coisas novas, ou enriquecer-se com alguma descoberta. Como ele ainda não resolveu a questão da origem dos seres, do princípio e do fim de todas as coisas, da essência divina e de algumas outras do mesmo porte, concluem que não saiu do á-bê-cê; que ainda não entrou na verdadeira via filosófica e que se arrasta nos*

lugares-comuns, porque prega incessantemente a humildade e a caridade. Dizem eles: "Até hoje ele nada de novo nos ensinou, porque a reencarnação, a negação das penas eternas, a imortalidade da alma, a gradação através dos períodos da vitalidade intelectual, o perispírito, não são descobertas espíritas propriamente ditas; então é preciso caminhar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas."

A tal respeito julgamos que devemos apresentar algumas observações, que também não serão novidades, mas há coisas que devem ser repetidas sob diversas formas.

É verdade que o Espiritismo nada inventou de tudo isso, pois não há verdadeiras verdades senão aquelas que são eternas e que, por isto mesmo, devem ter germinado em todas as épocas. Mas não é alguma coisa havê-las tirado, senão do nada, ao menos do esquecimento; de um germe ter feito uma planta vivaz; de uma ideia individual, perdida na noite dos tempos, ou abafada pelos preconceitos, ter feito uma crença geral; ter provado o que estava em estado de hipótese; ter demonstrado a existência de uma lei no que parecia excepcional e fortuito; de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática; de uma ideia improdutiva ter tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro que o provérbio: "Não há nada de novo sob o sol", e até mesmo essa verdade não é nova. Assim, não há uma descoberta da qual não se encontrem vestígios e o princípio em algum lugar. Por conta disto, Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra tinha sido suspeitado antes da era cristã. Era uma coisa tão simples, entretanto, era preciso encontrá-la. A história do ovo de Colombo será sempre uma eterna verdade.

Além disso, é incontestável que o Espiritismo ainda tem muito a nos ensinar. É o que não temos cessado de repetir, pois jamais pretendemos que ele tenha dito a última palavra. No entanto, considerando-se que ainda há o que fazer, segue-se que ele não tenha ainda saído do á-bê-cê? Seu á-bê-cê foram as mesas girantes, e a partir de então, ao que nos parece, ele tem dado alguns passos; parece-nos mesmo que tais passos foram grandes em alguns anos, se o compararmos às outras ciências que levaram séculos para chegar ao ponto em que estão. Nenhuma chegou ao apogeu num primeiro impulso; elas avançam, não pela vontade dos homens, mas à medida que as circunstâncias as põem no caminho de novas descobertas. Ora, ninguém tem o poder de comandar essas circunstâncias, e a prova é que todas as vezes que uma ideia é prematura, ela

aborta, para reaparecer mais tarde, em tempo oportuno.

Mas em falta de novas descobertas, os homens de ciência nada terão que fazer? A Química não será mais a Química se diariamente não descobrir novos corpos? Os astrônomos serão condenados a cruzar os braços por não encontrarem novos planetas? E assim em todos os outros ramos das Ciências e da indústria. Antes de procurar coisas novas, não se tem que fazer aplicação daquilo que se sabe? É precisamente para dar aos homens tempo de assimilar, aplicar e vulgarizar o que sabem, que a Providência põe em compasso de espera a marcha para a frente. Aí está a História para nos mostrar que as Ciências não seguem uma marcha ascendente contínua, pelo menos ostensivamente. Os grandes movimentos que revolucionam uma ideia só se operam em intervalos mais ou menos distanciados. Não há, portanto, estagnação, mas elaboração, aplicação e frutificação daquilo que se sabe, o que sempre é progresso.

Poderia o Espírito humano absorver incessantemente novas ideias? A própria Terra não necessita de um tempo de repouso antes de reproduzir? Que diriam de um professor que diariamente ensinasse novas regras aos seus alunos, sem lhes dar tempo para se exercitarem nas que aprenderam, de com elas se identificarem e de aplicá-las? Então Deus seria menos previdente e menos hábil que um professor?

Em todas as coisas, as ideias novas devem encaixar-se nas ideias adquiridas. Se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, aquelas que aí quisermos implantar não criarão raízes. Estaremos semeando no vazio.

Dá-se o mesmo em relação ao Espiritismo. Os adeptos de tal modo aproveitaram o que ele até hoje ensinou, que nada mais tenham a fazer? São de tal modo caridosos, desprovidos de orgulho, desinteressados, benevolentes para os seus semelhantes; moderaram tanto as suas paixões, abjuraram o ódio, a inveja e o ciúme; enfim são tão perfeitos que de agora em diante seja supérfluo pregar-lhes a caridade, a humildade, a abnegação, numa palavra, a moral? Essa pretensão, por si só, provaria quanto ainda necessitam dessas lições elementares, que alguns consideram fastidiosas e pueris. É, entretanto, somente com o auxílio dessas instruções, se as aproveitarem, que poderão elevar-se bastante para se tornarem dignos de receber um ensinamento superior.

O Espiritismo tem como objetivo a regeneração da Humanidade: isto é um fato constatado. Ora, não podendo essa regeneração operar-se senão pelo progresso moral, daí resulta que seu objetivo essencial, providencial, é o melhoramento de cada um. Os mistérios que ele nos pode revelar são o acessório. Porque ele nos abriu o santuário de todos os conhecimentos, não estaríamos mais adiantados para o nosso estado futuro, se não fôssemos melhores. Para admitir-nos ao banquete da suprema felicidade, Deus não pergunta o que sabemos nem o que possuímos, mas o que valemos e o bem que fizemos. É, pois, no seu melhoramento individual que todo espírita sincero deve trabalhar, antes de tudo. Só aquele que dominou suas más inclinações realmente tirou proveito do Espiritismo e receberá a sua recompensa. É por isto que os bons Espíritos, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: Não preciso de mais nada. Só Deus sabe quando elas serão inúteis e só a ele cabe dirigir o ensino de seus mensageiros e de adequá-lo ao nosso adiantamento.

Vejamos, entretanto, se fora do ensinamento puramente moral os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto pretendem alguns.

1.º — Inicialmente ele dá, como sabem todos, a prova cabal da existência e da imortalidade da alma. É verdade que não é uma descoberta, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não passava de teoria, que ele triunfa sobre o materialismo e evita as funestas consequências deste sobre a Sociedade. Tendo transformado em certeza a dúvida sobre o futuro, é toda uma revolução nas ideias, cujas consequências são incalculáveis. Se a isto se limitassem os resultados das manifestações, esses resultados seriam imensos.

2.º — Pela firme crença que desenvolve, ele exerce uma ação poderosa sobre o moral do homem; leva-o ao bem, consola-o nas aflições, dá-lhe força e coragem nas provações da vida e o desvia do pensamento do suicídio.

3.º — Retifica todas as ideias falsas que se tivessem feito do futuro da alma, do o Céu, do inferno, das penas e das recompensas; destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; numa palavra, desvela-nos a vida futura e no-la mostra racional e conforme à justiça de Deus. É ainda uma coisa de muito valor.

4.º — Dá a conhecer o que se passa no momento da morte. Esse fenômeno, até hoje insondável, não mais tem mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temida são hoje conhecidas. Ora, como todo mundo morre, tal conhecimento interessa a todo mundo.

5.º — Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à Filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai, com que objetivo está na Terra. Explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza como base dos princípios de solidariedade universal, de fraternidade, de igualdade e de liberdade, que se assentavam apenas na teoria. Enfim, lança luz sobre as questões mais árduas da Metafísica, da Psicologia e da Moral.

6.º — Pela teoria dos fluidos perispirituais, dá a conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre um novo campo à Fisiologia e à Patologia.

7.º — Provando as relações existentes entre os mundos corporal e espiritual, mostra neste último uma das forças ativas da Natureza, um poder inteligente, e revela a razão de uma porção de efeitos atribuídos a causas sobrenaturais que alimentaram a maioria das ideias supersticiosas.

8.º — Revelando o fato das obsessões, faz conhecer a causa, até aqui desconhecida, de numerosas afecções sobre as quais a Ciência se havia equivocado em detrimento dos doentes, e dá os meios de curá-los.

9.º — Dando-nos a conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; revelando-nos a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, ensina-nos o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para moralizá-los e arrancá-los aos sofrimentos inerentes à sua inferioridade.

10.º — Dando a conhecer a magnetização espiritual, que era desconhecida, abre ao magnetismo um novo caminho e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

O mérito de uma invenção não está na descoberta de um princípio, quase sempre anteriormente conhecido, mas na aplicação desse princípio. A reencarnação, sem dúvida, não é uma ideia nova, tanto quanto o perispírito,

descrito por São Paulo sob o nome de corpo espiritual, nem mesmo a comunicação com os Espíritos. O Espiritismo, que não se gaba de haver descoberto a Natureza, procura cuidadosamente todos os traços que pode encontrar, da anterioridade de suas ideias, e quando os encontra, apressa-se em proclamá-los, como prova em apoio ao que propõe. Aqueles, pois, que invocam essa anterioridade visando depreciar o que ele faz, vão contra o seu objetivo, e agem incorretamente, pois isto poderia levantar a suspeita de uma ideia preconcebida.

A descoberta da reencarnação e do perispírito não pertence, pois, ao Espiritismo. É coisa sabida. Mas, até o aparecimento dele, que proveito a Ciência, a Moral, a Religião haviam tirado desses dois princípios, ignorados pelas massas, e mantidos em estado de letra morta? Ele não só os pôs à luz, os provou e fez reconhecer como leis da Natureza, mas os desenvolveu e faz frutificar; deles já fez saírem numerosos e fecundos resultados, sem os quais não se poderia compreender uma infinidade de coisas; diariamente nos leva a compreendermos coisas novas, e estamos longe de esgotar essa mina. Levando-se em conta que esses dois princípios eram conhecidos, por que ficaram tanto tempo improdutivos? Por que, durante tantos séculos, todas as filosofias se chocaram contra tantos problemas insolúveis? É que eram diamantes brutos, que deviam ser lapidados: é o que fez o Espiritismo. Ele abriu um novo caminho à Filosofia, ou melhor, criou uma nova Filosofia que diariamente conquista seu lugar no mundo. Então, estes são resultados de tal modo nulos que devamos acelerar a caminhada em busca de descobertas mais verdadeiras e mais sólidas?

Em resumo, um certo número de verdades fundamentais, esboçadas por alguns cérebros de escol, e conservadas, em sua maioria, como que em estado latente, uma vez que foram estudadas, elaboradas e provadas, de estéreis que eram, tornam-se uma mina fecunda, de onde saíram inúmeros princípios secundários e aplicações, e abriram um vasto campo à exploração, novos horizontes às Ciências, à Filosofia, à Moral, à Religião e à economia social.

Tais são, até hoje, as principais conquistas devidas ao Espiritismo, e não temos feito mais do que indicar os pontos culminantes. Supondo que devessem limitar-se a isto, já nos poderíamos dar por satisfeitos, e dizer que uma ciência nova, que dá tais resultados em menos de dez anos, não é acusada de nulidade, porque toca em todas as questões vitais da Humanidade e traz aos

conhecimentos humanos um contingente que não se pode desdenhar. Até que apenas esses pontos tenham recebido todas as aplicações que lhes são susceptíveis, e que os homens os tenham aproveitado, ainda se passará muito tempo, e os espíritas que quiserem pô-los em prática para si próprios e para o bem de todos, não ficarão desocupados.

Esses pontos são outros tantos focos de onde irradiarão inumeráveis verdades secundárias que se trata de desenvolver e aplicar, o que se faz diariamente, porque diariamente se revelam fatos que levantam uma nova ponta do véu. O Espiritismo deu sucessivamente e em alguns anos todas as bases fundamentais do novo edifício. Cabe agora a seus adeptos pôr em prática esse material, antes de pedir materiais novos. Deus saberá bem lhos fornecer, quando tiverem completado sua tarefa.

Dizem que os espíritas só sabem o á-bê-cê do Espiritismo. Que seja. Para começar, então, aprendamos a soletrar esse alfabeto, o que não é problema de um dia, porque, mesmo reduzido tão somente a essas proporções, passará muito tempo antes que tenhamos esgotado todas as combinações e recolhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Aliás, os espíritas não têm que ensinar esse alfabeto aos que o ignoram? Já lançaram eles a semente em toda parte onde poderiam fazêlo? Não resta mais incrédulos a converter, obsedados a curar, consolações a dar, lágrimas a enxugar? Temos razões para dizer que não há mais nada a fazer quando ainda não terminamos a tarefa, quando ainda restam tantas chagas a fechar? Aí estão nobres ocupações que vale a pena conhecer melhor e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar o nosso alfabeto antes de querer ler correntemente no grande livro da Natureza. Deus saberá bem no-lo abrir, à medida que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçar sua vontade, antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da Ciência é muito alta para que possamos atingi-la, esperemos para voar sobre ela que as nossas asas estejam crescidas e solidamente pregadas, para não termos a sorte de Ícaro.

“Espírito sente fome?” ou, “como afastar do estudo o estudante honesto”

Espírito sente fome, mas, calma!

Ao contrário do que muitos afirmam taxativamente (e muitas vezes de forma bastante áspera, melhor fórmula para afastar do estudo as pessoas que vêm do movimento espírita como o conhecemos), o Espírito apegado à matéria poderá sofrer de todas as vicissitudes da matéria, quando muito apegado a ela. Poderá sofrer de fome, de frio, de calor, de medo, etc. Claro: é um sofrimento que se origina nele, em si, isto é, é um sofrimento de origem moral, mas que, para ele, *até que entenda*, tem todas as características de um sofrimento ***material***.

Quem diz isso é Kardec e os Espíritos, não eu:

> *“A quem quer que não conheça a verdadeira constituição do mundo invisível, parecerá estranho que Espíritos que, segundo eles, são seres abstratos, imateriais, indefinidos, sem corpo, sejam vítimas dos horrores da fome; mas o espanto cessa quando se sabe que esses mesmos Espíritos são seres como nós, que têm um corpo fluídico, é verdade, mas que não deixa de ser matéria; que deixando o seu envoltório carnal, certos Espíritos continuam a vida terrena com as mesmas vicissitudes, durante um tempo mais ou menos longo. Isto parece singular, mas assim é, e a observação nos ensina que essa é a situação dos Espíritos que viveram mais a vida material do que a vida espiritual, situação por vezes terrível, porque a ilusão das necessidades da carne se faz sentir, e eles têm todas as angústias de uma necessidade impossível de saciar. O suplício mitológico de Tântalo, entre os Antigos, acusa um conhecimento mais exato do que se supõe, do estado do mundo de além-túmulo, sobretudo mais exato do que entre os modernos. Muito diferente é a posição daqueles que desde esta vida se desmaterializaram pela elevação de seus pensamentos e sua identificação com a vida futura. Todas as dores da vida corporal cessam com o último suspiro, e logo o Espírito plana, radioso, no mundo etéreo, feliz como um prisioneiro livre de suas cadeias. Quem nos disse isto? É um sistema, uma teoria? Alguém disse que deveria ser assim, e nós acreditamos sob palavra?*

Não; são os próprios habitantes do mundo invisível que o repetem em todos os pontos do globo, para ensinamento dos encarnados. Sim, legiões de Espíritos continuam a vida corporal com suas torturas e suas angústias. Mas quais? Aqueles que ainda estão muito avassalados à matéria para dela se destacarem instantaneamente. É uma crueldade do Ser Supremo? Não. É uma lei da Natureza, inerente ao estado de inferioridade dos Espíritos e necessária ao seu adiantamento; é uma prolongação mista da vida terrestre durante alguns dias, alguns meses, alguns anos, conforme o estado moral dos indivíduos. "

[RE, junho, 1868]

As comunicações que indicaram tais tipos de sofrimentos são as mais diversas, frequentemente apresentadas na Revista Espírita e nas outras obras. Algumas delas:

10. Lembrai-vos dos instantes de vossa morte?

– R. É alguma coisa de terrível, impossível de descrever. Figurai-vos estar numa fossa com dez pés de terra sobre vós, querer respirar e faltar ar, querer gritar: "Estou vivo!" e sentir sua voz abafada; ver-se morrer e não poder chamar por socorro; sentir-se cheio de vida e riscado da lista dos vivos; ter sede e não poder se dessedentar; ***sentir as dores da fome e não poder fazê-la cessar****; morrer, numa palavra, numa raiva de condenado*

[RE, agosto, 1862]

[…] Quanto aos Espíritos inferiores, estão ainda completamente impregnados de fluidos terrenos; portanto, são materiais, como podeis compreender. Por isso sofrem fome, frio, etc., sofrimentos que não podem atingir os Espíritos superiores, visto que os fluidos terrenos já foram depurados no seu pensamento, quer dizer, na sua alma

[LAMENNAIS, OLM, 1861]

[…] não há um único [Epírito] cuja matéria não tenha que lutar com o Espírito que se reencontra. O duelo teve lugar, a carne foi dilacerada, o Espírito obscureceu-se no instante da separa- ção, e na erraticidade o Espírito

> *reconheceu a verdadeira vida. Agora vou dizer-vos algumas palavras daqueles para os quais esse estado é uma prova. Oh! quanto ela é penosa! eles se crêem vivos e bem vivos, possuindo um corpo capaz de sentir e de saborear os gozos da Terra, e quando suas mãos vão tocar, suas mãos se apagam; quando querem aproximar seus lábios de uma taça ou de uma fruta, seus lábios se aniquilam; eles vêem, querem tocar, e não podem nem sentir nem tocar. Quanto o paganismo oferece uma bela imagem desse suplício, apresentando Tântalo tendo fome e sede e não podendo jamais tocar os lábios na fonte d'água que murmura ao seu ouvido, ou o fruto que parece amadurecer para ele*

[Santo Agostinho, RE, 1864]

> *"É um suplício para o orgulhoso ver-se relegado às últimas posições, enquanto acima dele, cobertos de glória e de festas, estão aqueles que ele desprezou na Terra. Para o hipócrita, ver-se penetrado pela luz que põe a nu seus mais secretos pensamentos que todos podem ler, sem nenhum meio para se esconder e dissimular. Para o sensual,* ***ter todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los****. Para o avaro, ver seu ouro dilapidado e não poder retê-lo. Para o egoísta, ser abandonado por todos e sofrer tudo o que outros sofreram por ele: terá sede e ninguém lhe dará de beber, terá fome e ninguém lhe dará de comer."*

[Kardec, OCI, 1865]

O Espírito pode sentir uma fome maior do que a nossa, **por conta de um sofrimento moral**, isso é claro, devido ao apego material. Por esse apego, se verá em corpo, e não em Espírito. Materializará todas as sensações. Poderá até mesmo tentar ingerir um "alimento", criado pela sua própria mente, e esse alimento poderá ter todas as características de um alimento material… Mas que, contudo, não o saciará, posto que, de fato, o Espírito não tem um estômago real, nem qualquer outro órgão. Não depende da alimentação para sobreviver. Assim, ficará nesse estado por um tempo maior ou menor, que para ele parecerá eterno, enquanto se mantiver voluntariamente nesse estado mental — ao que, muitas vezes, a reencarnação compulsória, como ato da misericórdia divina, atendendo à sua incapacidade de escolha, o vem furtar. Há uma forma de agir, se espalhando entre o movimento espírita estudioso, que é tão danosa quanto àquela dos espíritas que acreditam em tudo: é o de negar a tudo e a tudo refutar duramente.

É a isso que tenho tentado chamar a atenção. Muitos tendem, mesmo, a atacar indivíduos e a rechaçar ideias com pedras nas mãos, como se fossem todas ridículas, sem compreender as nuances do mundo espiritual e se fazendo doutores em assuntos dos quais somos apenas aprendizes, aprendendo a balbuciar as primeiras letras do alfabeto. Já estive entre eles, e hoje compreendo meu erro.

Talvez, guiados por uma animosidade irresoluta e quase raivosa quanto a certas afirmativas frequentemente vistas no meio espírita em geral, e crendo-se senhores das luzes espirituais, muitos recebem questionamentos como esses — "Espíritos sentem fome" — com o mesmo grau de animosidade. Ao invés de esclarecer, afastam o indivíduo, que se sente humilhado por ter perguntado sobre algo que, talvez, tenha visto o próprio Kardec afirmar.

Não foi à toa (nunca é à toa que um Espírito, de qualquer elevação, agindo com honestidade, faz qualquer tipo de afirmação) que São Luís disse, na RE de 1866:

> *Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais,* ***também deveis ser mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio****, porque toda crença sincera é respeitável.*

Amigos, Espiritismo é ciência, e tem duas partes: a parte dos Espíritos, que é de conhecimento maior ou menor deles e que conhecemos por suas manifestações, e a a parte dos homens, que é puramente teórica, ainda que absolutamente racional e lógica (e o que não faz dela menos "ciência"). Teorias se aproximam mais ou menos da verdade e, de nossa parte, nos cabe a **investigação**, e não a tola mania a tudo afirmar ou negar. Kardec, esse sim, foi o cientista extremamente brilhante que entendeu esse princípio, o que o fez, ao invés de descartar, **investigar** as afirmações aparentemente mais absurdas vindas dos Espíritos, quando, é lógico, identificava nela honestidade, e não o claro propósito de mistificar.

Portanto, aos questionamentos "Espírito sente fome? Sente frio? Sono? Constrói casas?", a resposta é: **depende de sua elevação**. Pode sentir ou fazer tudo isso, mas, tenha certeza, não tem necessidade nenhuma, sofre e perde tempo quando se encontra nesse estado, por apego à matéria.

Obrigações do Espiritismo

O Espiritismo é uma ciência essencialmente moral. Então, os que se dizem seus adeptos não podem, sem cometer uma grave inconsequência, subtrair-se às obrigações que ele impõe.

(Revista Espírita, Paris, abril de 1866 – Médium: Sra. B…)

*[grifos nossos; **leia até o fim**]*

Essas obrigações são de duas ordens.

A primeira concerne o indivíduo que, ajudado pelas **claridades intelectuais que a doutrina espalha**, pode melhor compreender o valor de cada um de seus atos, melhor sondar todos os refolhos de sua consciência, melhor apreciar a infinita bondade de Deus, *que não quer a morte do pecador mas que ele se converta e viva*, e que para lhe deixar a possibilidade de erguer-se de suas quedas, lhe deu a longa série de existências sucessivas, em cada uma das quais, levando o peso de suas faltas passadas, ele pode adquirir novos conhecimentos e novas forças, fazendo-o evitar o mal e praticar o que é conforme à justiça e à caridade. **Que dizer daquele que, assim esclarecido sobre os seus deveres para com Deus, para com os irmãos, permanece orgulhoso, cúpido, egoísta**? Não parece que a luz o tenha enceguecido, porque não estava preparado para recebê-la? Desde então marcha nas trevas, embora esteja em meio à luz. **Ele só é espírita de nome**. A caridade fraterna dos que veem realmente, deve esforçar-se por curá-lo dessa cegueira intelectual. Mas, para muitos dos que se lhe assemelham, será necessária a luz que o túmulo traz, porque seu coração está muito ligado aos prazeres materiais e seu espírito não está maduro para receber a verdade. Numa nova encarnação compreenderão que os planetas inferiores, como a Terra, não passam de uma espécie de **escola mútua**, onde a alma começa a desenvolver suas faculdades, suas aptidões, para em seguida aplicá-las ao estudo dos grandes princípios da ordem, da justiça, do amor e da harmonia que regem as relações das almas entre si e as funções que elas desempenham na direção do Universo. Eles sentirão que, chamada a uma tão alta dignidade, qual a de se

tornar mensageira do Altíssimo, a alma humana não deve aviltar-se, degradar-se ao contato dos prazeres imundos da volúpia; das ignóbeis tentações da avareza que subtrai a alguns filhos de Deus o gozo dos bens que ele deu para todos; compreenderão que o egoísmo, nascido do orgulho, cega a alma e a faz violar os direitos da justiça, da humanidade, porquanto ele engendra todos os males que fazem da Terra um lugar de dores e expiações. Instruído pelas duras lições da adversidade, seu espírito será amadurecido pela reflexão, e seu coração, depois de ter sido ralado pela dor, se tornará bom e caridoso. É assim que aquilo que nos parece um mal, por vezes é necessário para reconduzir os endurecidos. Esses pobres retardatários, regenerados pelo sofrimento, esclarecidos por essa luz interior que podemos chamar de batismo do Espírito, velarão com cuidado sobre si mesmos, isto é, sobre os movimentos do seu coração e o emprego de suas faculdades, para dirigi-los conforme as leis da justiça e da fraternidade. **Eles compreenderão que não são apenas obrigados, eles próprios, a se melhorarem, cálculo egoísta que impede o atingimento do objetivo visado por Deus, mas que a segunda ordem das obrigações do espírita, que decorre necessariamente da primeira e a completa, é a do exemplo, que é o melhor meio de propagação e renovação.**

Com efeito, aquele que está convencido da excelência dos princípios que lhe são ensinados e que devem, se a eles conformar a sua conduta, proporcionar-lhe uma felicidade duradoura, não pode, se estiver verdadeiramente animado dessa caridade fraterna que está na própria essência do Espiritismo, senão desejar que sejam compreendidos por todos os homens. Daí a obrigação moral de conformar sua conduta com a sua crença e de ser um exemplo vivo, um modelo, como o Cristo o foi para a Humanidade.

Vós, fracas centelhas oriundas do eterno foco do amor divino, certamente não podeis pretender uma tão vasta radiação quanto a do Verbo de Deus encarnado na Terra, **mas cada um, na vossa esfera de ação, pode espalhar os benefícios do bom exemplo**. Podeis fazer com que a virtude seja amada, cercando-a do encanto dessa benevolência constante que atrai, cativa e mostra, enfim, que a prática do bem é coisa fácil; que gera a felicidade íntima da consciência que se colocou sob sua lei, pois ela é o cumprimento da vontade divina que nos fez dizer, por intermédio do seu Cristo: *Sede perfeitos, como vosso Pai celestial é perfeito.*

Ora, o Espiritismo não é senão a aplicação verdadeira dos princípios da moral ensinada por Jesus, porque não é senão com o objetivo de fazê-la por todos compreendida, a fim de que por ela todos progridam mais rapidamente, que Deus permite esta universal manifestação do Espírito, vindo explicar-vos o que vos parecia obscuro e vos ensinar toda a verdade. **Ele vem, como o Cristianismo bem compreendido, mostrar ao homem a absoluta necessidade de sua renovação interior pelas próprias consequências de cada um de seus atos, de cada um de seus pensamentos, porque nenhuma emanação fluídica, boa ou má, escapa do coração ou do cérebro do homem sem deixar uma impressão em algum lugar**. O mundo invisível que vos cerca é para vós *esse Livro de Vida* onde tudo se inscreve com uma incrível fidelidade, e a *Balança da Justiça divina* não é senão uma figura que revela cada um dos vossos atos, cada um dos vossos sentimentos. É, de certo modo, o peso que sobrecarrega a vossa alma e a impede de elevar-se, ou que traz o equilíbrio entre o bem e o mal.

Feliz aquele cujos sentimentos partem de um coração puro. Ele espalha em seu redor uma suave atmosfera que faz amar a virtude e atrai os bons Espíritos; seu poder de radiação é tanto maior quanto mais humilde for, e consequentemente mais desprendido das influências materiais que atraem a alma e a impedem de progredir.

As obrigações impostas pelo Espiritismo são, portanto, de uma natureza essencialmente moral, porque são uma consequência da crença; **cada um é juiz e parte em sua própria causa**; mas as claridades intelectuais que ele traz a quem realmente quer *conhecer-se a si mesmo* e trabalhar em seu melhoramento são tais que amedrontam os pusilânimes, e é por isso que ele é rejeitado por tantas pessoas. **Outros tratam de conciliar a reforma que sua razão lhes demonstra ser uma necessidade com as exigências da Sociedade atual. Daí uma mistura heterogênea, uma falta de unidade que faz da época atual um estado transitório**. É muito difícil para a vossa pobre natureza corporal despojar-se de suas imperfeições para revestir o homem novo, isto é, o homem que vive segundo os princípios de justiça e de harmonia desejados por Deus. Com esforços perseverantes, nada obstante, lá chegareis, porque as obrigações impostas à consciência, quando suficientemente esclarecida, têm mais força do que jamais terão as leis humanas baseadas no constrangimento de um obscurantismo religioso que não suporta exame. **Mas se, graças às luzes do alto, fordes mais instruídos e compreenderdes mais, também deveis ser**

mais tolerantes e não empregar, como meio de propagação, senão o raciocínio, porque toda crença sincera é respeitável. Se vossa vida for um belo modelo em que cada um possa achar bons exemplos e sólidas virtudes, onde a dignidade se alia a uma graciosa amenidade, rejubilai-vos, porque tereis compreendido, pelo menos em parte, a que obriga o Espiritismo.

LUÍS DE FRANÇA (São Luís)

==========

O problema da atual ideia da "reforma íntima" não é uma questão de palavras, mas isso ter se tornado ponto central, como se a missão do indivíduo fosse se melhorar, **somente**. A cada dia, está demonstrado que o verdadeiro espírita, porque entendeu a luz que se lhe abriu ante os horizontes espirituais, se melhora de forma humilde, auxiliando o seu próximo com a mesma humildade, não lhe fustigando a consciência a golpes de murros e facas. A verdadeira face do bem é a cooperação, e não a disputa. O mais elevado, serve.

Luís inicia o texto afirmando: o Espiritismo é uma ciência e, como tal, espalha claridades intelectuais. O Espiritismo serve ao conhecimento, que é peça necessária para o progresso do indivíduo. Mas não basta isso: é necessário o exemplo, e disso temos várias provas na humanidade, sendo o Cristo a mais expressiva delas. Ele, que veio lavar nossos pés, demonstrou: o mais elevado, serve, dando de si mesmo o exemplo abnegado.

Ao final, Luís destaca: se somos mais instruídos, é graças às "luzes do alto", não porque não nos cabe o esforço pessoal, mas porque, sem a cooperação caridosa daquele que está mais alto, não aprenderíamos! Aliás, aquele que entra na falsa ideia e se isola pelo egoísmo e pelo orgulho, sai da possibilidade desse aprendizado, por algum tempo. Essa é a face mais verdadeira possível da Criação, conforme o Espiritismo demonstra! A disputa, a ideia de que o mundo seja dos mais espertos, o egoísmo, o orgulho, enfim, são todas falsas concepções, ligadas às falsas ideias humanas, que conduzem o ser aos abismos que os aprisionam e dos quais cabe apenas dele o esforço em escapar. Em absoluto, são ideias que **não representam** a verdade sobre a Criação ou as relações como Espíritos!

Essa é uma comunicação que deve ser lida, relida, discutida e, quem sabe, colocada à cabeceira.

Cidades no mundo Espiritual: Materialidade do Além-Túmulo

Recentemente, uma série de estudos da Revista Espírita nos suscitaram um interessante aprendizado, que vai diretamente de encontro com as ideias de cidades no mundo espiritual, que muitos acreditam e divulgam. O estudo foi realizado sobre os seguintes artigos da Revista Espírita:

- Julho de 1859:
    - O zuavo de Magenta;
        - Um oficial superior morto em Magenta

- Agosto de 1859:
    - Mobiliário de além-túmulo;
    - Pneumatografia ou escrita direta;
    - Um espírito serviçal;
    - O guia da senhora Mally

Além disso, utilizamos a conclusão de Kardec em A Gênese (Editora FEAL) — Natureza e Propriedade dos Fluidos.

Vamos destacar os pontos principais do estudo, onde relacionamos nossos comentários entre colchetes ([*comentário*]).

O zuavo de Magenta

45. – Sabeis a razão pela qual nos vedes, ao passo que nós não vos podemos ver?

– Acredito que vossos óculos estão muito fracos.

[*Ele não sabe. Por isso, usa uma metáfora ou figura de linguagem.*]

46. – Não seria por essa mesma razão que não vedes o general em seu uniforme?

– Sim, mas ele não o veste todos os dias.

47. – Em que dias o veste?

– Ora essa! Quando o chamam ao palácio.

[Os Espíritos, ignorantes de certas coisas, expressam-se como podem, e veem o mundo dos Espíritos conforme suas ideias, assim como uma criança, utilizando imagens mentais para descrever algo que ela não compreende, fala de coisas que imputamos apenas à imaginação, mas que, no fundo, tem seu significado. O erro, aqui, seria tomar o "palácio" como uma expressão da verdade espiritual ***permanente****.]*

48. – Por que estais aqui vestido de zuavo se não vos podemos ver?

– Simplesmente porque ainda sou zuavo, mesmo depois de cerca de oito anos, e porque entre os Espíritos conservamos essa forma durante muito tempo. Mas isso apenas entre nós. Compreendeis que quando vamos a um mundo muito diferente, como a Lua ou Júpiter, não nos damos ao trabalho de fazer essa toalete toda.

[Isso aqui é muito interessante. O que entendemos é que ele está se referindo ao fato de Espírito adotar uma forma perispiritual de acordo com o mundo onde vai e de acordo com a existência de uma personalidade nesse mundo, sem nem perceberem. Se tivesse vivido em um mundo distante como, por exemplo, um vendedor de animais, ao ser lá evocado, se apresentaria dessa forma. Ao se deslocar no espaço, sem ser evocado, não toma forma específica, ou seja, "não precisa fazer essa toalete toda".]

49. – Falais da Lua e de Júpiter. Porventura já lá estivestes depois de morto?

– Não. Não estais me entendendo. Depois da morte nos informamos de muitas coisas. Não nos explicaram uma porção de problemas da nossa Terra? Não conhecemos Deus e os outros seres muito melhor do que há quinze dias? Com a morte, o Espírito sofre uma metamorfose que não podeis compreender.

[Ele está tentando explicar o pensamento anterior, sem saber como fazê-lo.]

Um oficial superior morto em Magenta

13. – No momento da morte vos reconhecestes imediatamente?

– Reconheci-me quase que imediatamente, graças às vagas noções que tinha do Espiritismo.

14. – Podeis dizer algo a respeito do Sr… também morto na última batalha?

– Ele ainda está nas redes da matéria. Tem mais trabalho em se desvencilhar. Seus pensamentos não se tinham voltado para este lado.
OBSERVAÇÃO: Assim, o conhecimento do Espiritismo auxilia no desprendimento da alma após a morte e abrevia o período de perturbação que acompanha a separação. Isto é compreensível, pois o Espírito conhecia antecipadamente o mundo em que se encontra.

[*Se esse conhecimento é tão importante, como conceber que justamente no momento em que o Espiritismo era estudado cientificamente, no melhor momento possível, nada foi falado a respeito dessa materialidade que hoje domina as comunicações?*]

Mobiliário de além-túmulo

> *Até aqui nenhuma dificuldade no que concerne à personalidade do Espírito. Sabemos, porém, que se apresentam com roupagens cujo aspecto mudam à vontade; por vezes mesmo têm certos acessórios de toalete, joias, etc. Nas duas aparições citadas no começo, uma tinha um cachimbo e produzia fumaça; a outra, uma tabaqueira e tomava pitadas. Note-se, entretanto, o fato de que este Espírito era de uma pessoa viva e que sua tabaqueira era em tudo semelhante à de que se servia habitualmente, e que tinha ficado em casa. Que significam, então, essa tabaqueira, esse cachimbo, essas roupas e essas joias? Os objetos materiais que existem na Terra teriam uma representação etérea no mundo invisível? A matéria condensada que forma tais objetos teria uma parte quintessenciada, que escapa aos nossos sentidos?*
>
> *Eis um imenso problema, cuja solução pode dar a chave de uma porção de coisas até aqui não explicadas. Foi essa tabaqueira que nos pôs no caminho, não apenas do fato, mas do fenômeno mais extraordinário do Espiritismo: o*

fenômeno da pneumatografia ou escrita direta, de que falaremos a seguir.

[*Posição do verdadeiro cientista, em busca da verdade, sem nada descartar.*]

3. – Essa tabaqueira tinha a forma daquela que ele usa habitualmente, e que estava em sua casa. O que era essa tabaqueira entre as mãos do Espírito?

– Sempre aparência. Era para que as circunstâncias fossem notadas, como o foram, e para que a aparição não fosse tomada por uma alucinação produzida pelo estado de saúde da vidente. O Espírito queria que essa senhora acreditasse na realidade de sua presença e tomou todas as aparências da realidade.

4. – Dizeis que é uma aparência, mas uma aparência nada tem de real; é como uma ilusão de óptica. Eu gostaria de saber se essa tabaqueira não era senão uma imagem irreal, como, por exemplo, a de um objeto que se reflete num espelho.

(Um dos membros da Sociedade, o Sr. Sanson, faz observar que na imagem reproduzida pelo espelho há qualquer coisa de real. Se a imagem não fica no espelho, é que nada a fixa, mas se for projetada sobre uma chapa do daguerreótipo, deixa uma impressão, prova evidente de que é produzida por uma substância qualquer e que não é apenas uma ilusão de óptica).

4 (continuação) – A observação do Sr. Sanson é perfeitamente justa. Teríeis a bondade de nos dizer se existe alguma analogia com a tabaqueira, isto é, se existe algo de material nessa tabaqueira?
– Certamente. É com o auxílio desse princípio material que o perispírito toma a aparência de vestimenta semelhante às que o Espírito usava quando vivo.

[*Sabemos, hoje, o princípio da imagem refletida em um espelho e sua fixação em uma fotografia: o comportamento de ondas. A luz, como energia eletromagnética, reflete no espelho e impressiona o dispositivo de fotografia, seja ele qual for. Parece que é a esse mesmo princípio (de onda) que o Espírito se refere.*]

OBSERVAÇÃO: Evidentemente o vocábulo aparência deve aqui ser tomado no sentido de imagem, de imitação. A tabaqueira real lá não estava. A que o Espírito tinha era apenas uma reprodução. Comparada à original, era apenas uma aparência, conquanto formada por um princípio material.

A experiência nos ensina que não devemos tomar ao pé da letra certas

expressões usadas pelos Espíritos. Interpretando-as segundo as nossas ideias, expomo-nos a grandes equívocos, por isso devemos aprofundar o sentido de suas palavras, sempre que existe uma ambiguidade mínima. Eis uma recomendação feita constantemente pelos Espíritos. Sem a explicação que provocamos, o vocábulo aparência, repetido continuamente em casos análogos, poderia dar lugar a uma falsa interpretação [Pois "aparência" poderia dar lugar à ideia de algo que não existe.].

5. – Haveria um desdobramento da matéria inerte? Haveria, no mundo invisível, uma matéria essencial, revestindo a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, esses objetos teriam o seu duplo etéreo no mundo invisível, como os homens aí são representados em Espírito?

OBSERVAÇÃO: Eis uma teoria como qualquer outra, e que era pensamento nosso. O Espírito, no entanto, não a levou em consideração, o que absolutamente não nos humilhou, porque sua explicação nos pareceu muito lógica e porque ela repousa sobre um princípio mais geral, do qual encontramos muitas explicações.

– Isto não se passa dessa maneira. O Espírito tem sobre os elementos materiais disseminados em todo o espaço, na nossa atmosfera, um poder que estais longe de suspeitar. Ele pode, à vontade, concentrar esses elementos e lhes dar uma forma aparente, adequada a seus projetos.

6. – Faço novamente a pergunta de maneira categórica, a fim de evitar qualquer equívoco. As roupas com que se cobrem os Espíritos são alguma coisa?

– Parece que a minha resposta anterior resolve a questão. Não sabeis que o próprio perispírito é alguma coisa?

7. – Resulta desta explicação que os Espíritos fazem a matéria eterizada sofrer transformações à sua vontade e que, assim, no caso da tabaqueira, o Espírito não a encontrou perfeitamente acabada; ele mesmo a fez no momento em que dela necessitava, e depois a desfez. O mesmo deve acontecer com todos os outros objetos, tais como vestimentas, joias, etc.

– Mas é evidente.

8. – Essa tabaqueira foi tão perfeitamente visível para a senhora R... a ponto de iludi-la. Poderia o Espírito tê-la tornado tangível?

– Poderia.

9. – Nesse caso, a senhora R... poderia tê-la tomado nas mãos, julgando pegar uma autêntica tabaqueira?

– Sim.

10. – Se a tivesse aberto teria provavelmente encontrado rapé. Se o tivesse tomado, ele a teria feito espirrar?

– Sim.

11. – Pode então o Espírito dar não somente a forma, mas até propriedades especiais?

– Se o quiser; é em virtude deste princípio que respondi afirmativamente às questões precedentes. Tereis provas da poderosa ação que o Espírito exerce sobre a matéria e que, como já vos disse, estais longe de suspeitar.

[*Sabemos, hoje, que a Criação está longe de ser um "cada um por si", e que, na verdade, é um "um por todos e todos por um", sendo que aqueles mais inferiores são sempre "conduzidos" pelos mais elevados.*]

12. – Suponhamos então que ele tivesse querido fazer uma substância venenosa e que uma pessoa a tivesse tomado. Esta teria sido envenenada?

– Poderia, mas não teria feito, porque não teria tido permissão para fazê-lo.

13. – Teria podido fazer uma substância salutar e própria para curar, em caso de moléstias? Já houve esse caso?

– Sim; muitas vezes.

> *OBSERVAÇÃO: Um fato desse gênero será encontrado com uma explicação teórica muito interessante no artigo que damos a seguir sob o título Um Espírito serviçal.*

14. – Assim também poderia ele fazer uma substância alimentar; suponhamos que

tivesse feito um fruto ou um petisco qualquer. Poderia alguém comê-lo e sentir-se alimentado?

– Sim, sim. Mas não procureis tanto para encontrar aquilo que é fácil de compreender. Basta um raio de sol para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço em cujo meio viveis. Não sabeis que o ar contém vapor d'água? Condensai-o e o levareis ao estado normal. Privai-o do calor e eis que suas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão corpo sólido e muito sólido. Outras matérias existem que levarão os químicos a vos apresentar maravilhas ainda mais assombrosas. Só o Espírito possui instrumentos mais perfeitos que os vossos: a sua própria vontade e a permissão de Deus.

> *OBSERVAÇÃO: A questão da saciedade é aqui muito importante. Como uma substância que tem apenas existência e propriedades temporárias e, de certo modo, convencionais, pode produzir a saciedade? Por seu contato com o estômago, essa substância produz a sensação de saciedade, mas não a saciedade resultante da plenitude. Se tal substância pode agir sobre a economia orgânica e modificar um estado mórbido, também pode agir sobre o estômago e produzir a sensação da saciedade. Contudo, pedimos aos senhores farmacêuticos e donos de restaurantes que não tenham ciúmes, nem pensem que os Espíritos lhes venham fazer concorrência. Esses casos são raros e excepcionais e jamais dependem da vontade. Do contrário, a alimentação e a cura seriam muito baratas.*

15. – Do mesmo modo poderia o Espírito fabricar moedas?

– Pela mesma razão.

16. – Desde que tornados tangíveis pela vontade do Espírito, poderiam esses objetos ter um caráter de permanência e de estabilidade?

– Poderiam, mas isto não se faz. Está fora das leis.

17. – Todos os Espíritos têm esse mesmo grau de poder?

– Não, não.

[*Porque apenas os Espíritos superiores poderiam fazê-lo (resposta seguinte).*]

18. – Quais os que têm mais particularmente esse poder?

– Aqueles a quem Deus o concede, quando isto é útil.

19. – A elevação de um Espírito influi nesse caso?

– É certo que quanto mais elevado o Espírito, mais facilmente obtém esse poder. Isto, porém, depende das circunstâncias. Espíritos inferiores também podem obtê-lo.

[*E, nesse caso, são supridos pela assistência de Espíritos superiores, muitas vezes sem nem saberem disso. Ver O Livro dos Médiuns ou guia dos médiuns e dos evocadores > Segunda parte — Das manifestações espíritas > Capítulo V — Das manifestações físicas espontâneas > Arremesso de objetos.*]

20. – A produção dos objetos semimateriais resulta sempre de um ato da vontade do Espírito, ou por vezes ele exerce esse poder malgrado seu?

– Isso frequentemente acontece malgrado seu.

[*Quer dizer: ele nem percebe, conscientemente, que faz o que faz.*]

21. – Seria então esse poder um dos atributos, uma das faculdades inerentes à própria natureza do Espírito? Seria, de algum modo, uma das propriedades, como a de ver e ouvir?– Certamente. Mas por vezes ele mesmo o ignora. Então outro o exerce por ele, malgrado seu, quando as circunstâncias o exigem. **O alfaiate do zuavo era justamente o Espírito de que acabo de falar e ao qual ele fazia alusão na sua linguagem chistosa**.

> *OBSERVAÇÃO: Encontramos um exemplo dessa faculdade em certos animais, como, por exemplo, no peixe-elétrico, que irradia eletricidade sem saber o que faz, nem como, e que nem ao menos conhece o mecanismo que a produz. Nós mesmos por vezes não produzimos certos efeitos por atos espontâneos dos quais não nos damos conta? Assim, pois, parece-nos muito natural que o Espírito opere nessa circunstância por uma espécie de instinto. Ele opera por sua vontade, sem saber como, assim como nós andamos sem calcular as forças que colocamos em jogo.*

> *OBSERVAÇÃO: Esse era, por exemplo, o caso da rainha de Oude, cuja evocação*

consta do nosso número de março de 1858, que ainda se julgava coberta de diamantes.

23. – Dois Espíritos podem reconhecer-se mutuamente pela aparência material que tinham em vida?

– Não é por esse meio que eles se reconhecem, pois não tomarão essa aparência um para o outro. Se, porém, em certas circunstâncias, se acham em presença um do outro, revestidos dessa aparência, por que não se haveriam de reconhecer?

[*Isto aqui é importante! Nos romances mediúnicos, o mundo fantástico criado é todo material ou materialista, e a forma, nesses contos, é fundamental. Aqui, temos novamente a confirmação já feita antes que a forma não é importante para os Espíritos em geral, embora seja predominante para os Espíritos ainda muito presos à matéria (ou seja, de pensamento muito apegado). Decorre daí que faria sentido um Espírito em perturbação "se ver" numa condição como aquela do umbral de André Luiz, mas o mesmo não poderia se dar quando já desapegado dessas ideias, o que não parece ser algo tão distante, conforme o relato de vários Espíritos, dados a Kardec.*]

24. – Como podem os Espíritos reconhecer-se no meio da multidão de outros Espíritos, e sobretudo como podem fazê-lo quando um deles vai procurar em lugar distante e muitas vezes em outros mundos, aqueles que chamamos?

– Isto é uma pergunta cuja resposta levaria muito longe. É necessário esperar.

Não estais suficientemente adiantados. No momento contentai-vos com a certeza de que assim é, pois disso tendes provas suficientes.

25. – Se o Espírito pode tirar do elemento universal os materiais para fazer todas essas coisas e dar a elas uma realidade temporária, com suas propriedades, também pode tirar dali o necessário para escrever. Consequentemente, isto nos dá a chave do fenômeno da escrita direta((*A escrita direta acontece quando um Espírito, pela vontade e com a utilidade em fazê-lo, faz aparecer, sobre um papel, uma escrita real, ora em grafite, ora em tinta, ora em formato de impressão. Recomendamos a leitura do artigo seguinte, "Pneumatografia ou escrita direta", assim como do artigo de mesmo título, em maio de 1860, e também do Capítulo XII de O Livro dos Médiuns — "Da pneumatografia ou escrita direta".*

Pneuma: entre os antigos pensadores gregos, sobretudo os estoicos, designativo do espírito, sopro animador ou força criadora, usada pela razão divina para vivificar e dirigir todas as coisas.)).

– Finalmente o compreendeis.

[*amadurecimento científico*]

26. – Se a matéria de que se serve o Espírito não é permanente, como não desaparecem os traços da escrita direta?

– Não julgueis pelas palavras. Desde o início eu nunca disse *jamais*. Nos casos estudados, tratava-se de objetos materiais volumosos; aqui se trata de sinais que convém conservar e são conservados.

[*Entendo que S. Luis afirma que essa matéria não é impermamente, e que ela se desfaz quando é "condensada" apenas por um efeito passageiro, por Espíritos inferiores. No caso da escrita direta, se há interesse em conservá-la, ela é conservada. O Cap. VI – Uranografia Geral – n'A Gênese, dá a chave para esse entendimento.*]

> *A teoria acima pode resumir-se assim: O Espírito age sobre a matéria; tira da matéria primitiva universal os elementos necessários para, à vontade, formar objetos com a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Também pode operar sobre a matéria elementar, por sua vontade, uma transformação íntima que lhe dá determinadas propriedades. Essa faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce, quando necessário, como um ato instintivo, que não chega a perceber.*

[*É importante notar que, depois, parece ficar claro que essa interação sobre a matéria nunca é direta, mas que necessita do fluido perispiritual do encarnado para acontecer.*]

> *Os objetos formados pelos Espíritos têm uma existência temporária, subordinada à sua vontade ou à necessidade. Ele pode fazê-los e desfazê-los à vontade. Em certos casos, aos olhos das pessoas vivas, esses objetos podem ter todas as aparências da realidade, isto é, tornar-se momentaneamente visíveis e até tangíveis. Há formação, mas não criação, visto que o Espírito nada pode tirar do nada. (O Livro dos Médiuns, questões 130 e 131).*

O guia da senhora Mally

O artigo "Um espírito serviçal", do mesmo número, apresenta o caso da senhora Mally, onde, ao seu redor, muitos fatos interessantes acontecem. Desde cedo tinha a capacidade de visão de Espíritos. Certas vezes, via seu Espírito guia; outras, via aparições desagradáveis, que tinham o intuito de chamar sua atenção para manter-se vigilante. Chegou a haver a materialização de um Espírito (agênere).

> *"Em 1856, a terceira filha da Senhora Mally, de quatro anos de idade, caiu doente. Foi em agosto. A criança estava continuamente mergulhada num estado de sonolência, interrompido por crises e convulsões. Durante oito dias eu mesmo [o correspondente] vi a criança, que parecia sair do seu abatimento, tomar uma expressão sorridente e feliz, de olhos semicerrados, sem olhar para os que a cercavam; estender a mão em gesto gracioso, como para receber alguma coisa; levá-la a boca e comer; depois agradecer com um sorriso encantador. Durante esses oito dias a menina foi sustentada por esse alimento invisível e seu corpo readquiriu a aparência de frescura habitual."*

[*O artigo é interessante e recomendamos a leitura. Vamos seguir para a evocação do guia da Sra. Mally.*]

*A evocação inicia-se com o estabelecimento das relações daquele Espírito com a sra Mally: tinham uma relação de simpatia antiga. O Espírito era o de um menino de oito anos, falecido há muito tempo. Kardec pergunta se era sempre ele quem aparecia para ela, e ele diz que não, mas assevera que é ele mesmo quem produzia certos fenômenos materiais *:*

13. – Então você tem o poder de se tornar visível à vontade?

– Sim, mas eu disse que não era eu.

14. – Você também não tem nada a ver com as outras manifestações materiais produzidas na casa dela?

– Perdão! Isto sim. Foi o que eu me impus, junto a ela, como trabalho material, mas faço para ela outro trabalho muito mais útil e muito mais sério.

* *Kardec diz, no artigo anterior: "Por outras manifestações ele revela o seu estado moral. Esse Espírito tem um caráter pouco sério, entretanto, ao lado de sinais de leviandade, deu provas de sensibilidade e dedicação."*

16. – Você poderia tornar-se visível aqui, a um de nós?

– Sim, se pedirdes a Deus para que isso aconteça. Eu posso, mas não ouso fazê-lo.

17. – Se você não quer tornar-se visível, poderia pelo menos dar-nos uma manifestação, como por exemplo trazer qualquer coisa para cima desta mesa?

– Certamente, mas qual seria a utilidade? Para ela é assim que eu testemunho a minha presença, mas para vós isto seria inútil, pois estamos conversando.

18. – O obstáculo não seria a falta de um médium, necessário para produzir essas manifestações?

– Não, isto é um pequeno obstáculo. Não vedes frequentemente aparições súbitas a pessoas sem nenhuma mediunidade?

19. – Então todo mundo é apto a ver aparições espontâneas?

– Sim, pois todo ser humano é médium.

20. – Entretanto, o Espírito não encontra no organismo de certas pessoas uma facilidade maior para comunicar-se?

– Sim, mas eu vos disse – e vós deveis sabê-lo – que os Espíritos têm o poder por si mesmos. O médium nada é. Não tendes a escrita direta? É necessário médium para isso? Não, mas apenas a fé e um ardente desejo. E ainda às vezes isto se produz a despeito dos homens, isto é, sem fé e sem desejo.

[*Aqui, Kardec está aprofundando os estudos. Não podemos tomar isso como conclusivo, pois, talvez, o que diz esse Espírito não seja a verdade, mas apenas o que ele compreende. Contudo, não é difícil pensar que, se a Matéria forma-se pelo pensamento dos Espíritos puros, formas materiais muito simples possam ser formadas, sob essa influência e por sua utilidade, por Espíritos menos elevados.*]

21. – Você acha que as manifestações, como a escrita direta, por exemplo, se tornarão mais comuns do que são hoje?

– Certamente. Como compreendeis, então, a vulgarização do Espiritismo?

22. – Você pode explicar-nos o que é que a filha da senhora Mally pegava na mão e comia quando estava doente?

– **Maná**, uma substância criada por nós, que encerra o princípio contido no maná ordinário e a doçura do confeito.

23. – Essa substância é formada da mesma maneira que as roupas e os outros objetos que os Espíritos produzem por sua vontade e pela ação que exercem sobre a matéria?

– Sim, mas os elementos são muito diferentes. Os ingredientes que formam o **maná** não são os mesmos que eu arranjava para criar madeira ou roupa.

[“Não devemos tomar ao pé da letra certas expressões usadas pelos Espíritos”. Sigamos, antes de formar ideias]

24. – (A São Luís) Os elementos utilizados pelo Espírito para formar seu maná eram diferentes dos que ele tomava para formar outras coisas? Sempre nos disseram que há um só elemento primitivo universal, do qual os diferentes corpos são simples modificações.

[*Aqui, por haver dúvida ou imprecisão na resposta daquele Espírito, Kardec questiona a São Luis, Espírito guia do grupo. É o princípio que demonstramos em nosso artigo recente*]

– Sim. Isto significa que esse elemento primitivo está no espaço, aqui sob uma forma, ali sob outra. É o que ele quer dizer. Ele obtém o seu maná de uma parte desse elemento, que supõe diferente, mas que é sempre o mesmo.

25. – A ação magnética pela qual se pode dar propriedades especiais a uma substância, como à da água, por exemplo, tem relação com a do Espírito que cria uma substância?

– O magnetizador não emprega nada além da sua vontade. É um Espírito que o ajuda, que se encarrega de preparar o remédio.

Análise sobre passagem em “Nosso Lar”

Em Nosso Lar, vemos a seguinte passagem. Analisemo-la:

> *A mensageira do bem fixou o quadro, compreendeu a gravidade do momento e acrescentou:*
>
> *– Não temos tempo a perder.*
>
> *Antes de tudo, aplicou passes de reconforto ao doente, isolando-o das formas escuras, que se afastaram como por encanto. Em seguida, convidou-me com decisão:*
>
> *– Vamos à Natureza.*
>
> *Acompanhei-a sem hesitação e ela, notando-me a estranheza, acentuou:*
>
> *– Não só o homem pode receber fluidos e emiti-los. As forças naturais fazem o mesmo, nos reinos diversos em que se subdividem. Para o caso do nosso enfermo, precisamos das árvores. Elas nos auxiliarão eficazmente.*
>
> *Admirado da lição nova, segui-a, silencioso. Chegados a local onde se alinhavam enormes frondes, Narcisa chamou alguém, com expressões que eu não podia compreender.*
>
> *[É claro que os Espíritos não falavam pela boca. Isso é uma figura de linguagem. A expressão é do pensamento, e André Luiz não conseguia compreender esses pensamentos, ainda.]*
>
> *Daí a momentos, oito entidades espirituais atendiam-lhe ao apelo. Imensamente surpreendido, vi-a indagar da existência de mangueiras e eucaliptos. Devidamente informada pelos amigos, que me eram totalmente estranhos, a enfermeira explicou:*
>
> *– São servidores comuns do reino vegetal, os irmãos que nos atenderam.*
>
> *[Os mais elevados, SERVEM. Não são “duendes”. São Espíritos, ocupando suas atividades na natureza. Não vivem em meio à mata, mas se ocupam desse reino, como outros Espíritos se ocuparão de outros. Talvez não sejam mais adiantados que nós, mas são mais adiantados que aqueles que ainda estão na posição do*

Princípio Inteligente. Por isso, servem ao seu propósito. As obras mediúnicas precisam, com base no Espiritismo, ser relidas e, se ainda restar dúvida, esses Espíritos devem ser EVOCADOS!]

E, à vista da minha surpresa, rematou:

– Como vê, nada existe de inútil na Casa de Nosso Pai. Em toda parte, se há quem necessite aprender, há quem ensine; e onde aparece a dificuldade, surge a Providência. O único desventurado, na obra divina, é o espírito imprevidente, que se condenou às trevas da maldade.

[Aqui, ela reforça o ensinamento, asseverando que o Espírito (portanto, consciente) que voluntariamente se condenou à trevas, isto é, que voluntariamente se apegou à imperfeição, é o único que se afasta do "caminho", que é a relação constante dos Espíritos, aprendendo, cooperando e ensinando, em direção ao bem.]

Narcisa manipulou, em poucos instantes, certa substância com as emanações do eucalipto e da mangueira ["[o] elemento primitivo está no espaço, aqui sob uma forma, ali sob outra"] e, durante toda a noite, aplicamos o remédio ao enfermo, através da respiração comum e da absorção pelos poros.

Continuando: O guia da senhora Mally

26. – (Ao guia) Há tempos relatamos fatos curiosos de manifestações de um Espírito por nós designado com o nome de Duende de Bayonne. Você conhece esse Espírito?

– Particularmente, não, mas acompanhei o que fizestes a seu respeito e foi dessa forma que tomei conhecimento dele.

27. – Ele é um Espírito de ordem inferior?

– Inferior quer dizer mau? Não. Quer dizer, simplesmente: não inteiramente bom, pouco adiantado? Sim.

[*Espírito inferior não é sinônimo de Espírito imperfeito, porque a imperfeição é algo adquirido pelo hábito e pela vontade. Na Escala Espírita, isso fica claro.*

Tudo isso está sendo fantástico! Poder verificar, na RE, a confirmação, dada por toda parte, daquilo que se conclui nas obras finais. Mal sabem, os resistentes, a riqueza que existe nesse estudo!]

28. – Agradecemos pela bondade de ter vindo, e pelas explicações que nos deu.

– Às vossas ordens.

OBSERVAÇÃO: Oferece-nos esta comunicação um complemento àquilo que dissemos nos dois artigos precedentes sobre a formação de certos corpos pelos Espíritos. A substância dada à criança, durante a doença, evidentemente era preparada por eles e objetivava restaurar a saúde. De onde tiraram os seus princípios? Do elemento universal, transformado para o uso desejado. O fenômeno tão estranho das propriedades transmitidas por ação magnética, problema até aqui inexplicado, e sobre o qual se divertiram os incrédulos, está agora resolvido. Com efeito, sabemos que não são apenas os Espíritos dos mortos que agem, mas que os dos vivos também têm a sua parte de ação no mundo invisível. O homem da tabaqueira dá-nos a prova disso. Que há, pois, de admirável em que a vontade de uma pessoa, agindo para o bem [Lei], possa operar uma transformação da matéria primitiva e dar-lhe determinadas propriedades? Em nossa opinião, aí está a chave de muitos efeitos supostamente sobrenaturais, dos quais teremos oportunidade de falar.

É assim que, pela observação, chegamos a perceber as coisas que fazem parte da realidade e do maravilhoso. Mas quem diz que esta teoria é verdadeira? Vá lá! Ela tem pelo menos o mérito de ser racional e de estar perfeitamente em concordância com os fatos observados. Se algum cérebro humano achar outra mais lógica do que esta dada pelos Espíritos, que sejam comparadas. Um dia talvez nos agradeçam por termos aberto o caminho ao estudo racional do Espiritismo.

Certo dia alguém nos dizia: "Eu bem que gostaria de ter um Espírito serviçal às minhas ordens, mesmo que tivesse de suportar algumas travessuras que me fizesse."

É uma satisfação que a gente desfruta sem o perceber, porque nem todos os

Espíritos que nos assistem se manifestam de maneira ostensiva, mas nem por isso deixam de estar ao nosso lado e, pelo fato de ser oculta, sua influência não é menos real.

A Gênese (FEAL) > Natureza e Propriedade dos Fluidos

Como já foi demonstrado, o fluido cósmico universal é a matéria elementar primitiva da qual as modificações e transformações constituem a inumerável variedade de corpos da natureza. Como princípio elementar do Universo, ela apresenta dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade que se pode considerar como o estado primitivo, e o de materialização ou de ponderabilidade, que vem a ser, de alguma forma, sua consequência. O ponto intermediário é o de transformação do fluido em matéria tangível. Mas, ainda aí, não existe transição brusca, pois pode-se considerar nossos fluidos imponderáveis como um ponto intermediário entre os dois estados ((Para compreender as afirmações de Allan Kardec é fundamental considerar que havia em seu tempo, na Física, a teoria de que a matéria seria constituída por duas classes: matéria comum, tangível ou ponderável, e matéria imponderável ou átomos representativos da luz, da eletricidade, do calor, etc. (são os fluidos luminoso, elétrico, calórico, etc.). Os fluidos psíquicos ou espirituais (tema deste capítulo) seriam, então, estados ainda mais sutis do fluido cósmico universal do que desses fluidos imponderáveis então aceitos. Haveria, então, numa sequência de maior para menor sutiliza: matéria comum, matéria imponderável, matéria psíquica. Atualmente sabemos que a hipótese da substância imponderável é falsa, e esses fenômenos são explicados como ondas eletromagnéticas. Transpondo o raciocínio de Kardec para a Física Moderna, poderíamos concluir que a matéria psíquica ou espiritual estaria acima da luz. Mas essa hipótese leva a questões e implicações mais complexas no atual paradigma científico para as quais não temos nesta obra os desenvolvimentos que permitam resolvê-las. (N. do E.))).

Os Espíritos agem sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas com a ajuda do pensamento e da vontade, que são, para o Espírito, o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles imprimem no fluido essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou

dispersam e formam conjuntos com uma aparência, uma forma, uma cor determinada; mudam suas propriedades, como um químico muda as de um gás ou de outros corpos, combinando-os segundo certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações são o resultado de uma intenção, mas frequentemente são o produto de um pensamento inconsciente, pois basta o Espírito pensar numa coisa para que ela seja feita.

É assim, por exemplo, que um Espírito se apresenta à vista de um encarnado, dotado da vista espiritual, sob a aparência que tinha quando estava vivo, na época em que o conheceu, embora já tenha tido várias outras encarnações. Ele se apresenta com as vestes, os sinais externos, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc. que tinha; um decapitado se apresentará sem a cabeça. Não digo que tenham conservado tais aparências; não, certamente, porque, como Espírito, ele não é coxo nem maneta, nem caolho nem decapitado. Mas seu pensamento, se reportando à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente essa aparência, a qual muda também instantaneamente. Se ele havia sido uma vez negro e outra vez branco, ele se apresentará como negro ou como branco, de acordo com qual das duas encarnações ele seja evocado e para onde vá seu pensamento.

Por um efeito análogo, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que estava habituado a utilizar. Um avaro manejará ouro; um militar terá suas armas e seu uniforme; um fumante, seu cachimbo; um trabalhador, sua charrua e seus bois; uma velha mulher, sua roca.

Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito quanto seriam no estado material para o homem encarnado. Mas, pelo fato de serem criados pelo pensamento, sua existência é tão efêmera quanto ele [aqui Kardec faz referência ao artigo abordado anteriormente, Mobiliário de além-túmulo].

Observações nossas

- O Espírito materializa, pela ação do pensamento, os fluidos, de acordo com sua elevação, seus apegos e suas ideias. Essa materialização pode ir de simples objetos a, provavelmente, amplos cenários, formados em

grupo.

- Espíritos às vezes pouco elevados, mas já desprendidos dos apegos materiais, demonstram não estar envolvidos nessa materialidade, tão predominante em outros.
- Espíritos pouco esclarecidos formam imagens mentais para descrever algo que eles não compreendem, assim como crianças podem fazer. O papel de um estudioso da psicologia, em ambos os casos, é ir além das imagens e das figuras para entender o fundo do que dizem.
- O erro está em se apegar à palavra, de forma literal.
- Longe de descartarmos como tolice, precisaremos estar prontos para, havendo uma retomada do Espiritismo científico, sabermos filtrar os diversos atavismos que os Espíritos, dominados por essas ideias amplamente disseminadas, poderão utilizar.
- Como destacamos em artigo recente, é um grave erro formar sistemas sobre metáforas, retiradas de seu contexto e não entendidas corretamente. Para se desfazer desses erros, necessário será retomar o Espiritismo cientificamente, da mesma forma que Kardec realizou.
- A "codificação" apresenta **todos** os elementos para entender que a materialidade do mundo espiritual está diretamente ligada ao materialismo dos Espíritos. Aqueles que são mais "espiritualizados", não necessariamente esclarecidos, não a apresentam, enquanto aqueles que encontram-se em estado de perturbação, causado por imperfeições, frequentemente apresentam ideias de apego à matéria. São fartos esses exemplos. Perguntamos: como, justamente no momento mais importante do Espiritismo, essa suposta realidade de cidades e colônias, que seria tão importante, já que seria imediata à nossa morte, não ficou claramente estabelecida para Kardec? Já tratamos dessas questões em artigo recente, e não vamos repetí-la.

A questão das escolhas

A vida é feita de escolhas. Às vezes, são escolhas lúcidas, isto é, sabemos bem que algo é correto ou não; outras vezes, são escolhas "ignorantes", isto é, não conhecemos o suficiente para supor os resultados. Destas, podemos colher erros ou acertos e, no caso de erro, não existe "pecado", pois o erro faz parte da evolução. Desde que não se apegue a ele, "está tudo certo". Basta seguir em frente e não repetir o erro. Não há condenação, nem houve propósito de mal.

A grande questão é quando a escolha por aquilo que é errado se dá de forma mais consciente — e aqui não considero uma plena consciência, porque, se ela existisse, não se faria a má escolha. O indivíduo, dotado de consciência e de inteligência, age em favor do apego àquilo que é errado ou que traz maus frutos. Sim, age envolto numa confusão de ideias, que nasceram em primeiro lugar do seu ímpeto de se satisfazer em algum aspecto — daí a assertividade em dizer que o egoísmo e o orgulho são as mães de todas as demais imperfeições — e, muitas vezes, nem pensa em fazer o mal, mas sim em satisfazer seus próprios desejos ou [falsas] necessidades. Esse é o ponto problemático das más escolhas, onde o próprio indivíduo se condena a um turbilhão de maus efeitos em que a causa é ele mesmo e ninguém mais, e onde se afasta do Bem, que é o caminho, para tomar um desvio que duras penas lhe custarão para retomar, pois requer o exercício do desapego.

Dito isto, muitos se perguntarão: em ambos os casos, mas especialmente no segundo, então, como errar menos? Como julgar melhor nossas próprias ações? Como evitar o erro pontual e como exercitar o desapego antes que certo hábito se torne uma terrível imperfeição?

Resumidamente, a resposta é uma pergunta retórica: por que você acha que os próprios Espíritos dos indivíduos antes encarnados — Espíritos sábios e Espíritos ignorantes; Espíritos bondosos e Espíritos maldosos; Espíritos felizes e Espíritos sofredores — dedicaram seu tempo para nos contar de suas próprias aventuranças? Por que você acha que um indivíduo de ciências, dedicado filósofo da educação e conhecedor de tantas outras ciências, tendo vislumbrado algo nessas comunicações, dedicou, à exaustão, cerca de 14 anos de sua vida, de suas finanças, de suas alegrias, e de sua saúde em estudar e disseminar esse conhecimento, que formou o que conhecemos por Espiritismo ou Doutrina

Espírita? POR QUÊ?

Quando a criança vê seu irmão sofrer uma queimadura por colocar a mão em brasa quente, muito provavelmente pensará duas vezes antes de fazer o mesmo. Imagine o que pode fazer um adulto, pleno de suas capacidades cerebrais, como esse conhecimento?! É, ainda assim, quantas pessoas, passando por anos e anos de sofrimentos tolamente cultivados, ESCOLHEM manter essas obras fechadas nas estantes, esquecidas em seus locais virtuais?

A passagem de Zaqueu, que, ao ver Jesus passar por sua porta, subiu em uma árvore para tentar vê-lo, sem se deixar ver interessado pelos cidadãos da cidade, pode ser a nossa mesma: basta ter interesse. A diferença é que nós não temos a necessidade de nos esconder de ninguém para ler um livro, a não ser quando **ESCOLHEMOS** nossa esconder de NÓS MESMOS, por um tolo medo de, vendo-se descoberto por si mesmo, ter que realizar o movimento de correção. Bem, a essa altura, se você agir assim, eu já posso lhe perguntar: por que é que você gosta tanto da infelicidade?

A salvação é o conhecimento. A cura é realizada por você mesmo. E tudo isso está tão perto quanto a sua vontade **QUEIRA**. Essa é a mensagem: para fazer melhores escolhas, você precisa **ENTENDER** como funciona a Lei.

Ótimos novos dias para você.